

# Correio das Artes

Suplemento  
literário do  
Jornal A União

Dezembro 2021  
Ano LXXII - Nº 10  
R\$ 9,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00



## A perenidade de **Zé Lins**

Legado do autor paraibano é avaliado por especialistas.  
Neta comenta herança intelectual deixada pelo escritor.  
Livro 'Menino de Engenho' fará 90 anos em 2022.



**Livro que retrata a vida refletida em crônicas publicadas nas páginas de A União. Produzido com a participação dos cronistas do jornal.**

**R\$30,00**

**Locais de Venda:**

- Editora A União (3218-6500)
- Rádio Tabajara (83 9105-5864)
- Sebo Cultural (3222-4438)
- Livraria do Luiz (3576-5573)  
(99317-6944)

**AUNIÃO**



JORNAL A UNIÃO,  
O ÚNICO EM  
SUAS MÃOS.

AGÊNCIA: INSC - PB.

Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.

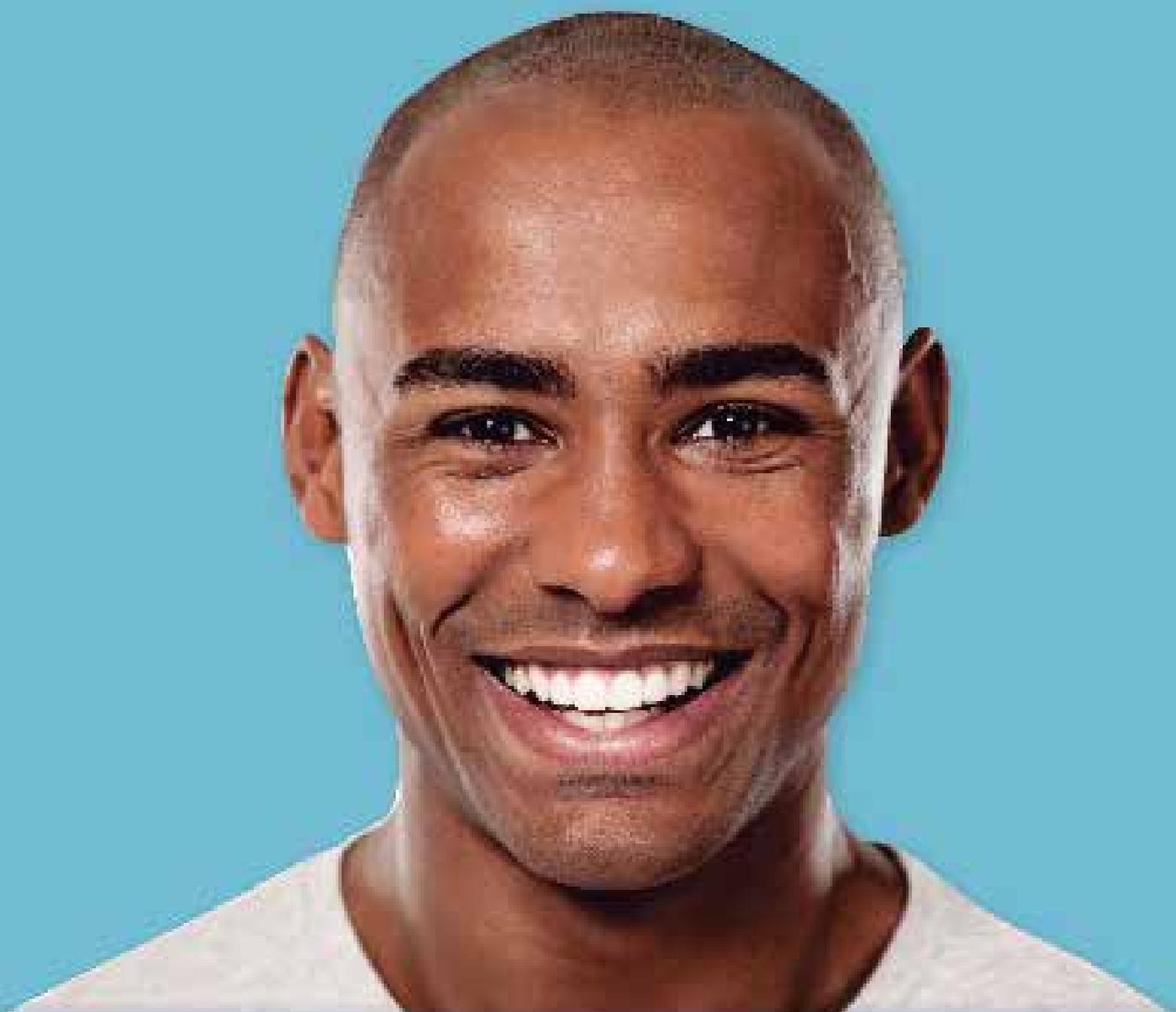


**A UNIÃO**



EMPRESA  
PARAIBANA DE  
COMUNICAÇÃO

# o SESC CUIDA DO SEU SORRISO



Agende sua consulta.  
Segunda a sexta | 07h às 19h  
(83) 3241-3494 / (83) 99986-0082



# Correio das Artes, um balanço

Em 2022, o **Correio das Artes** alcançará seu 73º ano em circulação pelo Brasil. É, atualmente, o suplemento mais antigo do país a ser publicado em papel, todos os meses, religiosamente. É, portanto, uma das revistas de arte e cultura mais antigas da América Latina.

Esse verdadeiro patrimônio do pensamento intelectual e cultural da Paraíba segue impávido e colosso, abraçado carinhosamente pelo Governo do Estado e pela Empresa Paraibana de Comunicação, que entendem o papel master do **Correio das Artes** no fomento a divulgação, discussão e reflexão acerca de arte e cultura através de um material de fôlego, um espaço nobre que inexistia em qualquer outro veículo de comunicação do estado, seja ele impresso ou eletrônico.

O leitor tem em mãos a 12ª edição feita em 2021. Portanto, este ano rendeu 12 exemplares com conteúdo nobre, sempre atento aos movimentos literários, seja documental, ficcional ou poético, assim como as demais expressões

**Esse verdadeiro patrimônio do pensamento intelectual e cultural da Paraíba segue impávido e colosso**

de arte, de cinema a artes visuais, de teatro a música.

Em retrospecto, o **Correio das Artes** estreou 2021 refletindo sobre a cena poética do estado, a partir de autoras mulheres. Seguiu mostrando como o cinema paraibano se reinventou durante a pandemia (fevereiro), trouxe à tona a curiosa história do tradutor responsável por disseminar Augusto dos Anjos na Rússia (abril), discutiu o engajamento da arte visual (julho), mostrou a cidade de João Pessoa

como inspiração para as mais diversas vertentes da arte (agosto) e reuniu textos sobre a programação do Fest Aruanda 2021 (novembro).

Isso sem falar na celebração dos grandes vultos da nossa identidade cultural, que renderam materiais valiosos, como os 100 anos de Genival Macêdo (março), os 70 de Violeta Formiga (maio), a poesia do saudoso Jurandy Moura (junho), os 80 anos de W.J. Solha (setembro) e a literatura de Marília Arnaud (outubro). Tudo isso construído com textos inéditos e exclusivos, tanto da equipe da casa, quanto dos colaboradores, que engrandecem a publicação.

Em um ano com uma produção tão diversa e fantástica, nada mais justo que encerrar 2021 celebrando os 120 anos de José Lins do Rego, ao mesmo tempo que apontamos os 90 anos do célebre livro Menino de Engenho, obra-prima do paraibano lançada em 1932.

Boa leitura e até 2022!

O editor  
editor.correiodasartes@gmail.com

## índice



17

### ZÉ LIMEIRA

Estudioso do Poeta do Absurdo, Astier Basílio narra sua pesquisa para localizar a origem dos versos 'Ano passado eu morri, mas este ano eu não morro'.



24

### CONVIVÊNCIA CRÍTICA

Hildeberto Barbosa Filho mergulha na poesia do escritor pernambucano Carlos Newton Jr. ao avaliar os livros 'Ressurreição' e 'Memento Mori'.



28

### REPORTAGEM

José Nunes conta a história de José Fernandes, um apaixonado por livros que fez da reedição de obras raras, uma razão para viver.



41

### IMAGENS AMADAS

João Batista de Brito dedica sua coluna a mostrar quando, e onde, o cinema utilizou o conceito de gradação em suas narrativas.



OUVIDORIA:  
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória  
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

Correio das Artes  
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA  
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo  
DIAGRAMAÇÃO  
Tonio  
ARTE DA CAPA

**Um**  
**Ano Cultural**  
dedicado a José  
Lins do Rego

Alexsandra Tavares  
[lekajp@hotmail.com](mailto:lekajp@hotmail.com)

Após a triste experiência de ter a mãe assassinada pelo próprio pai, na cidade de Recife, o menino Carlinhos descobre, na Fazenda Santa Rosa, onde é acolhido por parentes, a vida de uma criança liberta, os encantamentos e desafios da atividade canavieira, o primeiro amor, o convívio com os negros do engenho, os desejos de homem, e a dor da partida para o colégio interno. Assim se desenrola o romance *Menino de Engenho*, livro primeiro do consagrado escritor e jornalista paraibano José Lins do Rego (1901 – 1957), que completaria 120 anos de nascimento em 2021 e que, por isso, obteve, do Governo do Estado, um ano dedicado à sua memória e genialidade literária.

O Ano Cultural José Lins do Rego, aberto oficialmente em junho no município paraibano de Pilar, cidade natal do ilustre escritor, chegou ao fim nesse mês de dezembro. No decorrer da programação, foram realizadas ações voltadas a estudantes em projetos como o Festival de Arte e Cultura na Escola - Arte em Cena 2021; Festa Literária (Flirede), Concurso literário e o Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima). As abordagens estavam voltadas, sempre, ao aniversário de 120 anos do escritor e aos 90 anos de publicação que o romance *Menino de Engenho* completará em 2022.

Ao avaliar os trabalhos concretizados, o secretário de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, Cláudio Furtado, ressaltou que foram meses de homenagens que resgatou no cotidiano da sociedade, sobretudo nas escolas, o legado de um dos maiores expoentes do romance regionalista do país.

“No âmbito do Governo, foram feitas várias ações importantes para comemorar os 120 anos de Zé Lins, como o Arte em Cena, o Flirede, que é muito importante no incentivo à leitura das crianças e para tornar o autor conhecido. Tivemos, ainda, as ações do Prima e o primeiro seminário de inclusão digital, onde discutimos uma pauta interessante sobre o escritor”, citou o secretário, que acrescentou: “Foi um ano em que as diversas atividades desenvolvidas, também com a UEPB e com a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), coroaram as homenagens a esse ilustre paraibano”.



Obra-prima de José Lins do Rego, *Menino de Engenho* foi lançado em 1932, portanto fará 90 anos em 2022

“

**Temos de fazer com que nossas crianças e jovens conheçam mais a obra de um escritor que mudou a forma da literatura no Brasil”**

Cláudio Furtado

Cláudio Furtado declarou, ainda, que o projeto potencializou a publicização da obra do romancista na comunidade estudantil. “Porque temos de fazer com que nossas crianças e jovens conheçam mais a obra de um escritor que mudou a forma da literatura no Brasil. Isso foi muito importante também, no sentido de melhorar aspectos pedagógicos na nossa rede de ensino”.

Para o secretário de Estado da Cultura, Damião Ramos Cavalcanti, a importância de estabelecer o Ano Cultural José Lins do Rego em 2021 no Estado foi tal qual a valorização que o escritor tem para a Paraíba, para o Nordeste e para o país, uma vez que, trata-se de um vulto literário internacional. “Igual valorização gozam os famosos escritores, na sua terra natal, e que se espalha pelo restante do mundo. A valorização que atribuímos ao nosso conterrâneo deve ser exemplo a outras gentes e povos que o admiram, isto é, festejando a sua memória”.

Damião Ramos enfocou que “nisso, o Governo de João Azevêdo, na sua política cultural, tem sido exemplo”. “O Ano José Lins do Rego se tornará uma comemoração, que merece sempre

se repetir, tornando-se uma obrigação cultural da Paraíba. Uma terra que ama seus filhos e valoriza sua memória, dignifica-se...”, concluiu.

A pesquisadora, professora e membro da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (Aflap), Neide Medeiros, lembrou que durante as atividades desenvolvidas, inúmeras *lives* abordaram a vida e a obra do autor. Nesses encontros, estavam sempre a presença de estudiosos da obra de José Lins, e/ou de familiares do escritor. “Muitas atividades foram promovidas pelo Estado da Paraíba no decorrer do ano. Foi uma ideia muito feliz”, enfocou.

A pesquisadora ainda citou a publicação especial *José Lins do Rego - 120 anos*, um suplemento lançado pela Editora A União, com reportagens do gerente da editora, Alexandre Macedo, sob a coordenação do diretor de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), William Costa. A revista comemorativa (98 páginas) ainda trouxe a participação do governador João Azevêdo, da diretora-presidente da EPC, Naná Garcez, bem como de outros colaboradores.

Logo nas primeiras páginas do suplemento, o governador João Azevêdo ressaltou a passagem de José Lins não apenas por vários gêneros literários, mas sua vertente jornalística e colaboração em alguns veículos impressos, inclusive no jornal *A União* (1940-1957), sua paixão pelo futebol e a posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1956. Ao final, o governador sintetizou o motivo dos tributos dedicados ao ilustre paraibano: “Escritor premiado, ele é digno de todas as homenagens que se possa fazer-lhe, e é com orgulho, que promovemos o Ano Cultural José Lins do Rego, em especial para fortalecer a sua importância para os jovens paraibanos, disseminando mais a sua obra”.

No texto seguinte, Naná Garcez afirma, em um dos trechos de sua narrativa, que a publicação foi “uma das participações da Empresa Paraibana de Comunicação dentro das celebrações do Ano Cultural José Lins do Rego, decretado pelo governador João Azevêdo, marcando os 120 anos do romancista e os 90 anos do livro *Menino de Engenho*, com o objetivo de fomentar e valorizar a cultura paraibana”.

## Um passeio pela geografia sentimental do escritor

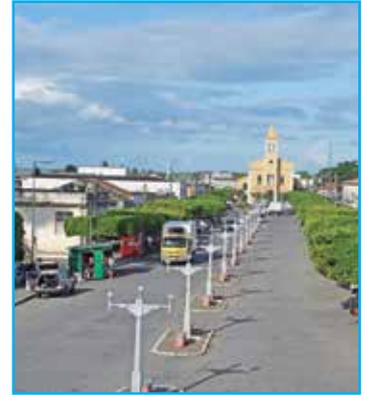
“As cidades de Zé Lins - um passeio crítico pela geografia sentimental do autor paraibano”. Esse é o nome do livro que será lançado em breve pela Editora A União em homenagem aos 120 anos do escritor. Segundo o diretor de Mídia Impressa da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), jornalista William Costa, a obra será escrita por professores da Paraíba e de outros estados, que vão abordar qual a importância das cidades onde Zé Lins viveu, na obra e vida do paraibano.

Ao todo, serão cinco escritores, e cada um ficará responsável por determinado local: Neroaldo Pontes (Paraíba), César Braga-Pinto (Pernambuco), Cosme Rogério (Alagoas), Bernardo Buarque de Holanda (Rio de Janeiro e Manhuaçu -MG) e Rejiane Matos (viagens do autor ao exterior).

Os textos de apresentação (dois) ficarão por conta da diretora presidente da EPC, Naná Garcez, e do professor Vilian Mangueira. “Esse livro inédito deverá ser um acréscimo importante na fortuna crítica de José Lins do Rego”, declarou William.

Essa é apenas uma das ações que a EPC realizou ao longo do Ano Cultural José Lins do Rego. Dentro do quadro geral da agenda

FOTO: ROBERTO GUEDES

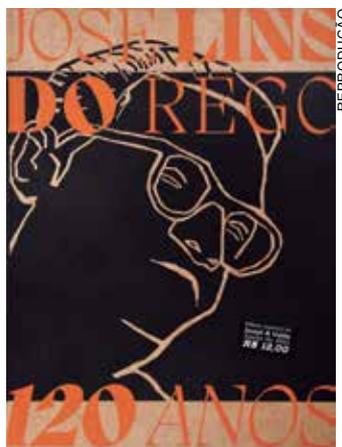


*Pilar, cidade natal de Zé Lins, fica localizada no Brejo paraibano*

governamental dedicada ao escritor, foram publicadas matérias divulgando as atividades que estavam sendo postas em prática dentro do Ano Cultural e também abordando a vida literária do escritor. As notícias sobre o tema ainda foram veiculadas na Rádio Tabajara, veículo que faz parte da EPC.

William Costa ainda destacou o trabalho dedicado ao suplemento especial *José Lins do Rego - 120 anos*, que “teve uma boa aceitação entre os professores e o público”.

Segundo ele, o fato de todo o legado de José Lins do Rego ter sido discutido nas escolas durante o Ano Cultural foi bastante positivo. “Porque é um autor que precisa ser conhecido pelas novas gerações, bem como ser lido e relido, independentemente da idade. O balanço que faço dessa iniciativa é muito positivo, porque colocou a vida e a obra do escritor em destaque”.



*Capa da edição 'José Lins do Rego - 120 anos', publicado pela Editora A União*

## NOVIDADES DA GLOBAL

A Editora Global, que detém os direitos autorais das obras do escritor José Lins do Rego, pretende reeditar, em 2022, os livros *O Moleque Ricardo*, *Cangaceiros*, *Água-Mãe e Meus Verdes Anos*. As publicações não têm relação direta com as comemorações dos 120 anos do autor, uma vez que já estavam na programação da editora. Outra novidade é a publicação, no primeiro semestre, da obra *Melhores Crônicas de José Lins do Rego*, que reunirá textos do paraibano divulgados na imprensa, em jornais como *O Globo* e *Jornal dos Sports*.

Parte dessas crônicas, após saírem em jornais, também foram reunidas em livros por Zé Lins, como *Gordos e Magros*, *Poesia e Vida* e *O Vulcão e a Fonte*. A publicação terá seleção e prefácio assinados por Bernardo Buarque de Hollanda, escritor e professor-adjunto da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC). O volume selecionado por Hollanda também trará, pela primeira vez, crônicas de Zé Lins que até então permaneciam inéditas em livro. De acordo com a Editora Global, foram selecionadas crônicas sobre literatura, Nordeste, a cidade do Rio de Janeiro, política, esportes, cinema, viagens e personalidades do mundo da cultura.

## Das páginas dos livros para as telas do cinema

Além de se destacar na área literária, a obra de José Lins também chama a atenção dos realizadores de cinema. Uma prova de que a genialidade do paraibano também é inspiração para a Sétima Arte. O romance *Menino de Engenho*, por exemplo, foi abordado no filme dirigido pelo cineasta carioca Walter Lima Júnior em 1965, sendo, também, reverenciado pela crítica.

Uma das atrizes que participou do longa-metragem foi a paraibana Zezita Matos, presidente da Academia Paraibana de Cinema (APC). Nascida em Pilar, município que também é a terra natal de José Lins do Rego, Zezita ressaltou que o filme deveria ser exibido nas escolas. “José Lins é um escritor extraordinário, e o filme *Menino de Engenho*, do Walter, foi quem deu o pontapé na minha carreira de atriz. Essa obra, que tem outros paraibanos, deveria também ser levada para as escolas”, sugeriu.

Sobre a iniciativa do Governo da Paraíba em dedicar um ano cultural às obras zelinianas, ela destacou que uma ideia “tão boa não poderia ficar restrita a um centenário” ou data comemorativa, mas sim “proliferar em outros encontros com escritores paraibanos que estão vivos”. “Vamos dar prosseguimento a esse projeto e levar escritores vivos aos estudantes, porque levar essas pessoas para as escolas é um incentivo. Tem jovem que vê o escritor, o ator, como algo que está distante de sua realidade”.

Na obra de Walter Lima Júnior, o personagem Carlinhos é interpretado pelo paraibano Sávio Rolim que, em 2004, teve a vida retratada no documentário *O Menino e a Bagaceira*, dirigido pelo professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Lúcio Vilar. Mais um trabalho audiovisual que, direta ou indiretamente, encontra no rastro de Zé Lins sua fonte propulsora de criação. Apesar de o foco



FOTO: DIVULGAÇÃO

ser o ator Sávio Rolim, esse trabalho traz inúmeras referências do longa de Walter Lima Júnior.

O documentário ganhou mais de dez prêmios em festivais como o Gramado Cine Vídeo, o Festival Nacional de Arte (Fenart), o Festival de Cinema de Pernambuco, entre outros. “O documentário se propôs a fazer o resgate da história do filme focado no ator mirim, porque Sávio virou a imagem símbolo desse filme, já que a história do Carlinhos, de Zé Lins, e da decadência do ciclo da cana-de-açúcar é vista pela ótica da criança. E, nesse sentido, fizemos a história de Sávio, 40 anos depois. Então, faz uma busca sobre: quem foi Sávio Rolim? Focado também no abandono, porque Sávio morava em condições subumanas”, confidenciou Lúcio Vilar.

Nesse projeto, foram ouvidos familiares e pessoas que trabalharam com Sávio durante as filmagens de *Menino de Engenho*, como o próprio diretor Walter Lima Júnior, Vladimir Carvalho, a mãe, filha e irmã do ator. Quando indagado sobre a influência do longa-metragem na vida do intérprete de Carlinhos, Lúcio contou que, mesmo o filme tendo sido um grande sucesso de público e crítica, e Sávio tendo recebido, na época, com apenas 12 anos, um prêmio revelação, “tudo isso foi muito forte na vida do menino”.

Ainda criança, o ator tentou seguir carreira de artista no Rio de Janeiro, mas como os anos eram da ditadura

militar, duros tempos de repressão, assim como outros atores, ele não encontrou portas abertas, restando-lhe seguir a “onda” de muitos que, frustrados, caíram nas drogas. “Como o próprio Walter Lima Júnior falou, Sávio entrou numa viagem e foi difícil voltar. Mesmo depois, tendo conseguido realizar outros

trabalhos, o álcool e as drogas foram um verdadeiro coquetel molotov para ele”, lamentou Lúcio.

Sobre a influência do legado de Zé Lins no cinema, Lúcio foi enfático e disse que a obra é “riquíssima”. “É a nossa história romaneada. É a história da economia, das oligarquias, da política através

desse gênero maravilhoso e com o qual ele trabalhava tão bem. É um monstro sagrado que, além de *Menino de Engenho*, ainda inspirou o filme *Fogo Morto*, que também é um trabalho muito digno. Zé Lins é um autor que possibilita essas adaptações para o cinema e também para a televisão”.

## Um pouco mais sobre José Lins

Assim como a diversidade de suas obras, José Lins do Rego também foi um homem de vários talentos, assumindo inúmeras atribuições na vida. O filho de João do Rego Cavalcanti e de Amélia Lins Cavalcanti nasceu no município paraibano de Pilar, mais precisamente no Engenho Corredor, no dia 3 de junho de 1901. Fez os primeiros estudos no Colégio de Itabaiana, no Instituto Nossa Senhora do Carmo e no Colégio Diocesano Pio X, de João Pessoa. Depois, estudou no Colégio Carneiro Leão e Osvaldo Cruz, no Recife.

Logo cedo apresentou aptidões literárias e, aos 17 anos, travou conhecimento com Machado de Assis, através do *Dom Casmurro*. Em 1922, fundou o semanário *Dom Casmurro* e, no ano seguinte, formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Durante

o curso, ampliou sua vivência no meio literário, tornando-se próximo a nomes como José Américo de Almeida e Osório Borba. Na volta de uma temporada de estudos nos Estados Unidos, sua amizade com Gilberto Freire lhe trouxe novas influências sobre a formação social brasileira.

Em 1925, foi nomeado promotor em Manhuaçu (MG) e, em 1924, casou-se com Filomena “Naná” Massa Lins do Rego. Transferiu-se, em 1926, para a capital de Alagoas, onde passou a exercer as funções de fiscal de bancos até 1930 e fiscal de consumo.

Em 1935, já nomeado fiscal do imposto de consumo, José Lins do Rego transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde passou a residir, e rapidamente se ambientou à rotina carioca. No jornalismo, escreveu para veículos de co-

municação como *Jornal do Recife*, *Jornal de Alagoas* e *Jornal A União*. Torcedor apaixonado pelo Flamengo, revelou-se também um talentoso cronista esportivo, chegando a exercer o cargo de secretário-geral da Confederação Brasileira de Desportos.

Baseado em memórias e reminiscências, grande parte de seu legado literário destaca a decadência dos senhores de engenho, o cangaço, a seca e o misticismo. Recebeu o Prêmio da Fundação Graça Aranha, pelo romance *Menino de engenho* (1932); o Prêmio Felipe d’Oliveira, pelo romance *Água-Mãe* (1941), e o Prêmio Fábio Prado, pelo romance *Eurídice* (1947).

Em 1955, foi eleito para assumir a Cadeira 25 na Academia Brasileira de Letras (ABL). Faleceu em setembro de 1957, no Rio de Janeiro.

### CONHEÇA ALGUMAS OBRAS DO PARAIBANO LISTADAS PELA ABL:

- ▶ *Menino de Engenho*, 1932.
- ▶ *Doidinho*, 1933.
- ▶ *Banguê*, 1934.
- ▶ *O Moleque Ricardo*, 1935.
- ▶ *Usina*, 1936.
- ▶ *Histórias da Velha Totônia*, 1936.
- ▶ *Pureza*, 1937.
- ▶ *Pedra Bonita*, 1938.
- ▶ *Riacho Doce*, 1939.
- ▶ *Água-Mãe*, 1941.
- ▶ *Gordos e Magros*, 1942.
- ▶ *Fogo Morto*, 1943.
- ▶ *Poesia e Vida*, 1945.
- ▶ *Eurídice*, 1947.
- ▶ *Bota de Sete Léguas*, 1951.
- ▶ *Homens, Seres e Coisas*, 1952.
- ▶ *Cangaceiros*, 1953.
- ▶ *A Casa e o Homem*, 1954.
- ▶ *Roteiro de Israel*, 1955.
- ▶ *Meus Verdes Anos*, 1956.
- ▶ *Gregos e Troianos*, 1957.
- ▶ *Presença do Nordeste na Literatura Brasileira*, 1957.
- ▶ *O Vulcão e a Fonte*, 1958.

# Um escritor multifacetado

No período de 1932 a 1958, o jornalista e escritor paraibano José Lins do Rego escreveu mais de 20 livros. Obra infantil, romances, poesias e contos estiveram no rol de suas criações, grande parte traçada no regionalismo nordestino. Segundo o professor e escritor Milton Marques Júnior, um dos motivos para Zé Lins ser aclamado pela crítica e pelo público é o fato dele “escrever com uma linguagem clara, simples, sem nunca ser simplória, procurando revelar a seus leitores o drama humano que nos é comum”.

Autor de livros como *O Ser e o Fazer na Obra Regional de Zé Lins do Rego*, o professor Milton declarou que o autor paraibano “sabe se comunicar com o seu leitor e trazer à baila um mundo que se encontrava escondido – o mundo da várzea do Paraíba, revelando a miséria, a exploração, as dores humanas, sem fazer panfletagem, com uma linguagem, em muitos momentos, lírica e pungente”. “José Lins expõe o drama humano que atinge a todos, mas deixa claro, também, que a exploração do trabalho é uma realidade”.

Segundo ele, o paraibano consolidou, com a abertura proporcionada por *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, na inauguração do regionalismo social, e após *O Quinze* (1930), de Raquel de Queirós, o romance em ciclos, que irá descobrir a várzea do Paraíba e seu mundo canavieiro, tanto quanto fará Jorge Amado, com o romance do cacau. “O ciclo dos romances da cana-de-açúcar é uma das vertentes mais importantes da (re)descoberta do Brasil, que só se interessava pelo mundo urbano”, comenta Marques Júnior.

O regionalismo e os elementos humanísticos comumente vistos nos livros zelinianos também são destacados pela pesquisadora, escritora, professora e integrante da Academia Feminina de Letras e Artes do Paraíba (Aflap), Neide Medeiros. Ela fala que a obra de José Lins é múltipla e oferece um panorama da cultura brasileira e paraibana do início do século 20 até os anos 1950. Em *Menino de Engenho*, por exemplo, aparecem retalhos da infância do escritor, vistos com um olhar infantil, onde tudo parecia grandioso para o menino – a

casa-grande do avô e as terras que se perdiam de vista.

Já em *Fogo Morto*, outra obra de Zé Lins citada por ela, pode-se observar a decadência dos engenhos e a ascensão das usinas. “É um escritor muito importante, tanto para a literatura paraibana, como brasileira. A rica fortuna crítica dele demonstra a relevância da sua obra no cenário das letras brasileiras”, diz.

Para Neide Medeiros, o paraibano foi memorialista nos romances ligados ao ciclo da cana-de-açúcar, como um cronista viajante; teve um olhar acurado para as terras que visitou, portando-se muito mais do que um mero turista, mas, sim, um pesquisador de costumes e um observador atento do mundo.

Além dos romances e contos, a professora salientou que o paraibano transitou, com desenvoltura, da crônica futebolística aos acontecimentos mais comuns do dia a dia, enveredando-se pela crítica literária, “pois tecia comentários sobre os livros dos amigos e revelava opiniões sensatas sobre os grandes escritores universais”.

“No início da juventude, foi um

“

**O ciclo dos romances da cana-de-açúcar é uma das vertentes mais importantes da (re)descoberta do Brasil, que só se interessava pelo mundo urbano”**

Milton Marques Júnior

jornalista polêmico nas crônicas que escrevia para os jornais de Pernambuco. Além de vários romances, escreveu um livro de memórias – *Meus Verdes Anos*, e um livro de literatura infantil – *Histórias da velha Totônia*. É um escritor multifacetado”.

O aspecto sociopolítico, etnográfico e, sobretudo, econômico dos romances de José Lins são destacados pelo secretário de Estado da Cultura do Paraíba, Damião Ramos. Ele afirma que, ora o escritor joga com a realidade, ora com o confronto das suas transformações”. Assim como afirmou a professora Neide Medeiros, Damião exalta a visão diferenciada que o escritor tem do mundo.

A amizade e frutíferas conversas de José Lins com Gilberto Freyre tiveram influências e conseqüências que provocaram olhares especiais do paraibano, comparando os comportamentos, as culturas afrodescendentes, e o que existia no mundo agrário da sua infância e adolescência, com a visão de um novo mundo, encontrado nas cidades da sua vida adulta, especialmente nas mudanças culturais. “E pelas suas leituras, obteve uma nova visão do mundo”, afirma.

Ao citar o romance *O Moleque Ricardo*, outra obra consagrada de José Lins do Rego, o secretário Damião acrescentou que o personagem Ricardo “pula a cerca do engenho e os muros da Casa Grande para ser, na cidade, operário, mesmo explorado pela fábrica ou pela indústria, com baixos e injustos salários”.

Essa fuga, segundo Damião, também significa uma passagem sociológica, do mundo agrário no latifúndio da cana-de-açúcar, em decadência, para a atrativa vida urbana.

“Magistralmente, é um pé de José Lins nas terras do avô e o outro na cidade, aonde passou viajando o José Lins jovem e adulto. Realidade e emigração que ainda hoje acontecem, em grande parte do Nordeste para o Sul do país. Ainda jovem, a população do campo se distancia da fazenda para procurar uma nova vida de emprego, e até mesmo conviver com outras qualidades de padrão, com outros costumes e modos de tratar o então moleque do eito, nos canaviais”.

# Os 90 anos de um 'Menino de Engenho' sempre atual

Prestes a completar 90 anos de publicado (1932), o romance *Menino de Engenho* é uma obra atual, que até hoje tem paralelo com os nossos tempos. Essa é a opinião da pesquisadora, escritora, professora e integrante da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba (Aflap), Neide Medeiros. Apesar de algumas passagens da publicação precisarem serem revisadas, por trazer costumes típicos do início do século 20, a perenidade do livro se dá pelos valores humanísticos.

Neide Medeiros conta que o romance, escrito quando o paraibano morava em Maceió, já alcançou a 100ª edição. “Essa é a melhor prova da perenidade da obra. Ela continua atual porque trata de problemas inerentes à natureza humana. No próximo ano completará 90 anos da 1ª edição (1932) e foi escrita quando José Lins iniciava a carreira como romancista. A consagração veio com o prêmio literário da Fundação Graça Aranha. Depois disso, se sucederam várias edições. O livro foi transformado em filme e atualmente é leitura recomendada nas escolas brasileiras para adolescentes e jovens”, pontuou Neide.

Pela facilidade de evocar memórias, a pesquisadora revelou que José Lins foi chamado de “Proust dos trópicos”. Ela contou que, segundo o próprio escritor, o Engenho Corredor, em Pilar, era uma grande fonte de inspiração para as criações literárias. “Tudo ali estava impregnado de saudade e é esta saudade que tem dado vida e atualidade ao romance. A respeito do Engenho Corredor, ele (Zé Lins) fez essa revelação: ‘O Engenho Corredor foi a minha grande fonte literária. Lembrando-me dele fui escritor, contando a sua história escrevi os meus romances, fiz viver criaturas’”, recordou Neide.

O professor e escritor Milton Marques Júnior também concorda com a imortalidade da obra e salienta que como toda grande narrativa que trata do universal, este romance persistirá, não importa a passagem do tempo. E essa durabilidade e atualidade consistem no fato de que o autor trata da vida, da educação de uma criança, de carência, de orfandade, de diferenças culturais entre o mundo urbano – o Recife, de onde vem Carlinhos – e o mundo rural – o engenho Santa Rosa, na várzea do Paraíba, em Pilar. “Menino de Engenho, assim como as obras do ciclo da cana-de-açúcar, portanto, não envelheceu. Continua atual, como as grandes obras que nunca ficam presas ao passado”, reforçou Milton.

Ao falar sobre os elementos contidos no livro e o que o faz perene, o professor argumenta que, obviamente, o mundo dos engenhos ali

descritos não existe mais. O surgimento das grandes usinas, o dinamismo do mundo moderno com a informatização e as redes sociais são uma outra realidade. Porém, é preciso ler e refletir sobre o que está nas entrelinhas, pois, segundo Milton Marques, existe ainda um mundo rural neste imenso Brasil, em que persiste a exploração.

“Mais do que isto, existe a dor da carência que nosso mundo moderno de contatos rápidos e ansiosos das redes sociais só veio acentuar. É irônico que num mundo, onde a comunicação se expandiu, estejamos cada vez mais isolados e carentes. Falta a Carlinhos uma mãe, que lhe foi tirada pelo assassinio cometido pelo seu pai. Mesmo a tia Maria, que o acolhe como segunda mãe, vai lhe ser tirada, pois casará”.

Sobre o personagem Carlinhos, tratado no livro, o professor Milton ressaltou que Carlos de Melo é um ser que se vê abandonado, fraco, precisando de carinho de mãe e de mulher. E neste aspecto, a distância que o separa de Ricardo (personagem de *O Moleque Ricardo*) é apenas o fato de que Ricardo é um negro oriundo da bagaceira do engenho, e Carlos de Melo é o herdeiro do Santa Rosa. Mas, a carência amorosa ronda os dois como um lobo com fome. “A carência permanecerá no mundo humano, não importa a época em que vivamos”.

E ao ser instigado sobre o paralelo que se pode traçar entre o mundo do menino de engenho vivido por Carlinhos, e o cotidiano dos meninos da geração atual, Milton Marques Júnior fez uma reflexão perspicaz, fazendo antes a ressalva de que não saberia explicar como vivem os atuais meninos nos engenhos: “Mas posso lhe assegurar que os meninos da geração atual são diferentes por conta das transformações por que a sociedade passou. Muitas das crianças de hoje, sequer conhecem uma galinha, nunca viram um boi, não terão um carneiro de estimação, como Carlinhos teve Jasmim. No máximo, elas terão um cachorro tão prisioneiro de apartamento, quanto elas próprias são. Há uma relação, contudo, entre os meninos de hoje e Carlinhos: muitos são carentes. Carlinhos era carente de pais mortos; muitos dos de hoje são carentes de pais vivos”. ✖



Capa da primeira edição digital do livro pela Global, lançada em 2020: obra permanece atual pelos valores humanísticos de seu enredo

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

# Zé Lins...

RELATOS  
QUE VÃO ALÉM DA  
CONSAGRAÇÃO  
LITERÁRIA

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Em entrevista exclusiva,  
Valéria Veras fala sobre  
a relação com o avô,  
José Lins do Rego

**U**m homem brincalhão, de uma genialidade intelectual ímpar, apaixonado pela vida, torcedor fervoroso do Flamengo, criador do bordão Nação Rubro Negra, um “danado”! Ao mesmo tempo, um humanista e ser melancólico. Assim é retratada a imagem do escritor paraibano José Lins do Rego aos olhos de sua neta, a arquiteta e curadora Valéria Veras. Filha do diplomata Carlos dos Santos Veras e da escritora Maria Christina Lins do Rego Veras, Valéria nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em setembro de 1958, um ano após a morte de Zé Lins, fato que a faz garantir que mantém uma espécie de ligação espiritual com ele.

Por conta da vida de diplomata do pai, a arquiteta “viveu outras culturas” ao longo da infância, até retornar ao Rio, em 1972. Foi nesse momento que passou, já adolescente, a ter mais contato com o universo do avô. Estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ela fazia suas tarefas na casa da avó Naná (Philomena Massa Lins do Rego, filha do senador Antônio Massa), que guardava no escritório da residência carioca os livros e pertences ao marido Zé Lins.

Entre as tarefas universitárias e as escapadelas dos primeiros tragos de Hollywood, a jovem abria a gaveta da escrivaninha e se deparava com registros da vida e da morte do ilustre paraibano. Foi então que percebeu o quanto ele era importante para a Cultura nacional e quão grande foi a perda trazida pela sua morte.

Os relatos de família sobre o homem que foi Zé Lins, juntaram-se à familiaridade que Valéria teve com a obra zeliniana, criando um sentimento de admiração e satisfação em ser neta de um dos nomes mais consagrados da literatura do país.

Em entrevista **exclusiva** para o **Correio das Artes**, Valéria Veras fala da influência que o avô deixou na sua vida profissional, das recordações da adolescência, das paixões do paraibano e como os Lins do Rego resguardam o legado do patriarca da família. Confira:

## A entrevista

- Seu avô morreu aos 56 anos e mesmo sem o conhecer pessoalmente, o que a senhora sabe da personalidade e do jeito que ele costumava levar a vida?

- Moro no Rio de Janeiro desde

meus 14 anos de idade, pois como filha de diplomata estudei fora e vivi outras culturas até 1972, ano da minha chegada ao Brasil, onde fui estudar no CAP/UFRJ. Vim ter contato com Zé Lins na casa da minha avó Naná, onde eu fazia

minhas tarefas no seu escritório. Lá também fumava escondido meus primeiros cigarros Hollywood, escutando muito Bob Dylan, discos da minha prima. Aquele universo era mágico, mas também um tanto pesado...Quando abria as gavetas

da escrivaninha, haviam lá, ainda, registros do seu funeral (de José Lins do Rego) e aí logo percebi que meu avô tinha sido uma perda enorme, não somente como escritor, mas como um homem que viveu apaixonado pela vida, com muitos amigos, amando sua rotina carioca, tendo sempre no coração o seu time adorado, o Flamengo. Minha vó falava dele com muita paixão, que ele era um danado! Se amaram muito!

### **Que lembranças a filha de Zé Lins, Maria Christina, guarda do escritor?**

Minha mãe lembra sempre com muito carinho das idas ao Clube Piraguê, perto da casa deles na rua General Garzon 10, onde jogavam tênis e encontravam os amigos. E sempre todos dizem que ele era muito brincalhão, passava trotes até quando ficou hospitalizado. Mas eu realmente tenho outra visão. Quando reli *Menino de Engenho*, ficou claro que era um órfão, triste, melancólico... viveu muitas perdas que nunca lhe foi possível repor, mesmo após ter constituído sua própria família e consolidado sua raiz na sua casa Garzon 10. Eu fico imaginando o quão duro deve ter sido conviver com os filhos/netos dos escravos que ainda eram escravizados pelo sistema do patriarcado regido nas terras do seu avô Bubu. Quando ele acaba o livro *Menino de Engenho* com a menção "Menino perdido, menino de engenho", essa foi a marca que carregou para o resto da vida. O prazer da lembrança do contato com a natureza, as brincadeiras com os moleques, o carinho das criadas, do avô que lhe alimentou, me parece que vinha carregado de muita melancolia e culpa. Nunca foi possível repor duplamente a falta desses dois mundos – o materno e o da infância – e, assim, ele se joga no futebol com fervor e paixão. Os moleques eram os jogadores que deviam suar a camisa para o timão ganhar. Ele cria o bordão "Nação Rubro Negra"... quer sentido de pertencimento maior do que esse?! A falta o leva para o excesso, a alegria para a morte. Era rebelde, e adoro isso!

### **Zé Lins desempenhou várias funções. Além de escritor, jornalista, ocupou cargos públicos, entre outras atividades. Que imagem a senhora guarda do seu avô?**

A lembrança que tenho dele vai sendo alterada conforme vou aderindo a novas pesquisas. No momento, estou admirada com a sua tamanha intelectualidade. Lia muito! Nos ensaios que integram *A Casa e o Homem*, ele se revela um cosmopolita, admirador da literatura francesa, russa e da cultura grega... um verdadeiro humanista!

### **Que parte da história dele mais lhe marcou?**

A sua morte! Nunca havia imaginado ser meu avô um homem tão admirado e querido! Eu fui gerada no luto, pois nasci em setembro de 1958, e ele morreu em setembro de 1957. Sinto que temos uma ligação espiritual e que, nesse momento das celebrações, não posso decepcioná-

“

**Nunca foi possível repor duplamente a falta desses dois mundos – o materno e o da infância – e, assim, ele se joga no futebol com fervor e paixão"**

-lo e estou muito tensa porque o Brasil está complicado. Não tenho encontrado abertura com frentes de patrocínio promissoras para colocar de pé os projetos que tenho me empenhado junto a grupos de artistas e produtores. E precisamos deixar registrado, não somente para a Paraíba, mas para o Brasil, o significado de *Menino de Engenho*! Estão lá presentes todas as nossas contradições... somos um país fadado a tragédias, esquecimentos e não queremos encarar o nosso passado. Zé Lins morreu sofrido pela história que lhe corroeu, literalmente, as entranhas, e sinto que essa carga eu tenho que dividir com todos.

### **Qual a influência das obras de José Lins do Rego na sua vida?**

Eu nunca imaginei que voltaria a encontrar meu avô aos 42 anos ao morar em Brasília, em um momento em que o cineasta Vladimir Carvalho rodava *O Engenho de Zé Lins*. Foi nos eixos entrecruzados de Brasília o nosso reencontro! Brasília, berço do Modernismo, assoberbada pelo Regionalismo do filme desse grande cineasta adorado por todos na capital do país. O filme do Vladi é muito impactante. Estrear em Brasília trazia esse Nordeste de Zé Lins, melancólico e trágico, que a modernidade quis apagar. Mas a cidade modernista de Lúcio Costa não conseguiu enterrar o Nordeste, pois nasceu dessas raízes! E esse foi meu caminho de reencontro com Zé Lins. Realizei três exposições que falavam de raízes brasileiras e, sempre que podia, trazia meu avô... pesquisas sobre *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre, me levaram direto a ele. Meu tema da tese de doutorado discorre sobre Arte - Vida e Arquitetura, onde venho debater as proposições do Programa Ambiental do artista Hélio Oiticica no espaço das interlocuções homem/sociedade pelo viés do corpo e da fala. Seriam esses instrumentos coparticipativos de procedimentos urbanos, onde vejo no regionalismo de Zé Lins e Gilberto Freyre, diálogo em frentes não formais no trato das relações humanas com a terra, que nos remetem a hábitos e à língua do povo. Esta é a verdadeira socialização do espaço – habitá-lo

e não o representar pelos artifícios codificantes herdados do civilizatório. Logo, eu continuo no clima da “luta”, quero ir ao encontro desse Brasil e tenho em meu avô essa fonte sempre muito vibrátil!

### **E qual a influência dele na vida profissional dos demais membros da família?**

Minha mãe é escritora, puxou ao pai. Tem muita facilidade com a escrita. Meu irmão José, para quem ele dedicou seu livro de memórias *Meus Verdes Anos*, é pintor, artista plástico, de mão cheia, cores fortes...obras potentes! Meu primo falecido, Francisco, era poeta e agora sua filha Júlia tem revelado dom para as letras. De resto, somos todos Flamengo!

### **No próximo ano, o romance *Menino de Engenho* irá completar 90 anos de publicação. Haverá alguma celebração para marcar esse aniversário?**

Sim! Como falei, não faltam projetos e comemorações. Mas estamos presos concretamente com a efetivação dos patrocínios. Logo, está arriscado não acontecerem por falta de patrocínio. A exposição *Menino de Engenho 90: Ontem e Hoje* a ser realizada em João Pessoa, pela 4Art Produções Culturais, trará o olhar particularizado do artista Christus Nóbrega, também paraibano, que dialogará com a obra *Menino de Engenho*, pelo espectro curatorial histórico e político, presentificado em um conjunto de obras realizadas com grupos de artesãos, associações comunitárias e estudantes da rede pública de ensino do estado da Paraíba. O Engenho Corredor certamente planeja algumas atividades. Já estamos em contato com a família, queridos Joaquim e Alba Soares, com a participação da filha, Ana Clóris. Se somam a estes eventos as belas comemorações que o Estado da Paraíba, que tem se empenhado junto à Secretaria de Educação e a Funesc, em ações educativas, palestras e musicais que envolvem os 120 anos de Zé Lins, e que prospecta continuidades para 2022. Eu convidei o artista José Rufino para realizar uma instalação comemorativa, e junto ao Jornal A União, pre-

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



*Valéria, sobre o avô paraibano: “Cosmopolita, admirador da literatura francesa, russa e da cultura grega... um verdadeiro humanista!”*

tende-se conceber uma publicação que contará com a sua participação e da professora Janete Rodriguez, representante da Fundação Casa de José Américo, em vista de José Américo ser o grande amigo e mentor intelectual do meu avô. O Sesc de São Paulo, com a curadoria do especialista zeliniano Bernardo Buarque de Hollanda, conta com uma programação de palestras de um curso on-line que propõe uma reflexão em torno da vida e da obra do José Lins do Rego. E ainda, em andamento, projetos possíveis com a Fundação Roberto Marinho, empenhados no campo educativo.

### **O que você pode falar da importância desse primeiro romance de Zé Lins?**

Naturalmente, esse romance é um marco para o Brasil, e tenho certeza que o Governo de João Azevêdo, junto a seus secretários, com o brilhantismo a que se dedicam às políticas públicas e programas sociais, trarão muitas ações, pelo espectro da influência de *Menino de Engenho*, rebatido no cotidiano das escolas públicas. No mais, espero estar na Paraíba, o quanto antes. Mas estou, também, no aguardo de um convite oficial para sentar junto com todos os interessados que queiram participar de uma programação voltada para esta grande comemoração aos 90 anos de *Menino de Engenho*!

### **Como a família tenta resguardar o acervo de José Lins?**

Minha mãe Christina Veras foi a responsável pela divulgação da obra de Zé Lins no exterior. Temos as cartas das editoras estrangeiras e, especialmente, as de Alfred Knopf, grande editor já falecido de Nova Iorque. Ainda por pesquisar correspondências com artistas, amigos e família em acervos concentrados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Maceió e, naturalmente, em João Pessoa. Mas como falei, dependemos de patrocínio. É inacreditável o momento que se está vivendo no Brasil. A minha ideia é juntar todo esse material em um site eletrônico, a ser retroalimentado por pesquisas acadêmicas, a começar pelos pesquisadores das universidades paraibanas, alguns de grande renome nacional, como a professora e crítica literária Ângela Bezerra, e a professora Socorro Aragão, que está fazendo uma fotobiografia que será lançada muito em breve.

### **A obra de José Lins do Rego é aclamada pela crítica e já foi levada para o cinema. Como a senhora absorve esse legado do seu avô? Ele é uma referência de talento?**

Imagine qual é a minha resposta... O Brasil tem que acordar enquanto há tempo para absorver a produção desses caras geniais, como Zé Lins. Eu gostaria de propor ao Governo da Paraíba que elegeesse os 90 anos de *Meninos de Engenho* para todas as idades, gêneros e procedências sociais. Esse legado não é somente meu! ❖

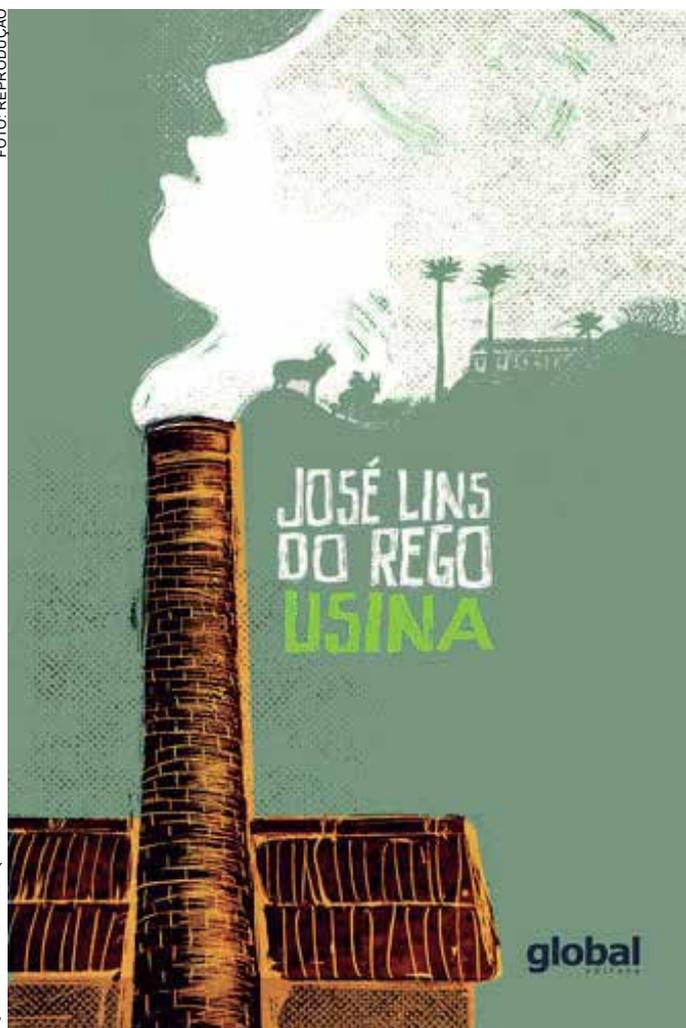
“NINGUÉM NO MUNDO TIVERA  
PARA ELE UM AMOR COMO  
AQUELE DE SEU MANUEL”

## A relação Ricardo e Seu Manuel em *Usina*

**José Vilian Mangueira**

Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: REPRODUÇÃO



Lançado em 1936, o romance 'Usina' apresenta, em sua primeira parte, o relacionamento de Ricardo e Seu Manuel

O trabalho artístico de José Lins do Rego é comumente enfocado levando-se em conta a sua produção denominada de cunho memorialista. Os seus livros considerados como integrantes do Ciclo da Cana-De-Açúcar – *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943) – são os grandes destaques de sua obra.

A crítica especializada lê e relê estes romances explorando os temas decorrentes do processo sócio-histórico que permeia estas narrativas. Mas engana-se quem pensa que a obra do paraibano se resume à exploração de uma única vertente. Diferentes temáticas podem ser identificadas no trabalho desse escritor, como, por exemplo, o enfoque das categorias de gênero: relações entre masculino e feminino; homoerotismo masculino e feminino.

Como a crítica costuma dá destaque à focalização do sistema patriarcal que se sobressai nos textos do autor, personagens com práticas homoeróticas são negligenciados pelos que se debruçam sobre a literatura de José Lins do Rego. Quando esta temática é abordada, não se tem um aprofundamento analítico, ficando apenas como comentário solto dentro de um enfoque maior. É o caso, por exemplo, de Luís Bueno, em *Uma História do Romance de 30* (2006, p. 356).

Da obra completa de José Lins do Rego, quatro romances trazem referências explícitas a personagens que constroem ligações homoeróticas: *Doidinho* (1933) e *Usina* (1936) enfocam personagens masculinos; e *Riacho Doce* (1939) e *Água-Mãe* (1941) exploram relações entre mulheres. E há, ainda, os romances *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953) que fazem alusões a comportamento de determinados personagens que podem ser lidos como construído de homoerotismo.

Centrando nossa leitura em um texto específico, desenvolvemos um estudo da relação homoerótica entre Ricardo e Seu Manuel, durante o tempo em que eles estiveram presos em Fernando de Noronha.

O romance *Usina*, de 1936, apresenta, em sua primeira parte, o relacionamento sexual de Ricardo e Seu Manuel, durante o tempo em que Ricardo ficou preso em Fernando de Noronha. Todo o relacio- ▶

▶ namento dos dois presos é filtrado pelo narrador através da ótica do personagem Ricardo. Como ele não possui anteriormente, ao contrário de Manuel, uma relação homoerótica, este personagem concebe a ligação entre dois homens como decorrente de circunstâncias que isolam homens do convívio sexual com mulheres: “Os homens se acostumavam da falta de mulheres amando uns aos outros” (REGO, 2002, p. 43).

Dentro deste ambiente, a norma heterossexual parece ser esquecida: “Na ilha aquilo [sexo entre homens] não queria dizer nada, quase todos tinham simpatias daquele jeito” (REGO, 2002, p. 45); embora o comportamento homossexual não pareça ser aceito abertamente, uma vez que ele é descrito como “amores irregulares” (REGO, 2002, p. 43). Segundo a visão de Ricardo, as ligações homoeróticas existem apenas como uma modalidade de satisfação do corpo durante um período de distância do sexo feminino.

Como Ricardo não se sente completamente à vontade na relação com outro homem, ele procura levantar argumentos que justifiquem o comportamento homossexual. De início, ele reconhece que há uma conduta homoerótica entre os meninos dos engenhos, mas essas práticas não teriam continuidade na vida adulta. Elas seriam apenas consequências das descobertas sexuais dos adolescentes: “Um homem servir-se de outro. Lembrou-se dos tempos de menino, das porcarias que faziam entre si na bagaceira. Mas aquilo era de muito longe que nem lhe deixava uma recordação exata. Coisa de menino. Só por vadiagem besta” (REGO, 2002, p. 43). Mas ele também reconhece que, entre os seus conhecidos, existe o homem que dá continuidade às relações homoeróticas depois de passar pela adolescência. É o que ocorre com o beato Mané Pereira.

O caso de Mané Pereira é conhecido por todos os moradores do engenho Santa Rosa, de onde Ricardo vem, vivendo este sempre com “um moleque fornido, morando em sua casa. Diziam que ele gastava o dinheiro de Nossa Senhora do Rosário com os amigos” (REGO, 2002, p. 44).

Apesar de ter seus amores sempre comentados por todos da região e de suas práticas sexuais não serem aceitas abertamente, Mané Pereira não sofre nenhum tipo de agressão direta – sejam elas físicas ou verbais – dos outros moradores. A ligação com o sagrado, Nossa Senhora do Rosário, dá a esse homem respeito diante dos outros: “na frente

do negro velho ninguém ousava uma palavra, um dito safado. Respeitavam o coitado, não lhe diziam nada que não fosse de maior consideração. E Mané Pereira dormia na sua cama de vara com moleques que eles todos conheciam” (REGO, 2002, p. 44).

Até mesmo uma outra parcela social tão marginalizada quanto o homossexual, as prostitutas, tinha respeito por Mané Pereira: “Até as raparigas sabiam respeitar o grande concorrente” (REGO, 2002, p. 44). Mas a forma como o narrador se refere ao homossexual – “coitado” – mostra que há um preconceito velado diante das práticas sexuais do personagem. Também, ao aproximar Mané das prostitutas, o narrador deixa claro que as relações do beato com outros homens se baseiam em trocas financeiras.

A identificação do personagem como homossexual se completa no momento que o narrador o qualifica usando a palavra que, na época, caracterizava o homem de comportamento sexual que fugia à normatividade heterossexual: “Aquele opa até os joelhos, aquela coroa de santa dentro do prato com rosas davam ao *sodomita* um prestígio de sacerdote” (Grifo nosso) (REGO, 2002, p. 44); e quando descreve o andar do personagem ressaltando a forma descontraída de seu corpo: “E lá ia ele de andar sacudido, com a opa vermelha e a cabeça descoberta” (REGO, 2002, p. 44).

Nessas relações homoeróticas destacadas por Ricardo, há uma identificação apenas do homossexual que possui comportamento feminino, como Mané Pereira. De modo algum, seja através da voz do narrador ou do próprio Ricardo, é identificado nos companheiros de Mané um comportamento homossexual. Ao que parece, como é comum ainda hoje, a parte ativa não ganha rótulo algum. Ainda, como fica claro na descrição do personagem Mané Pereira, que possui um “andar sacudido” (REGO, 2002, p. 44), não é só a prática sexual que identifica o comportamento gay, mas também seus trejeitos femininos.

Tanto no engenho, quando na prisão de Fernando de Noronha, os gays são identificados como “homens-mulheres” (REGO, 2002, p. 45). Na lógica de Ricardo, que representa o pensamento dos outros conhecidos do personagem, quem realmente é identificado com o *ethos* homossexual, dentro da prisão de Fernando de Noronha, é o cozinheiro Manuel. De início, o cozinheiro tem uma relação com o médico da prisão e, depois, passa a procurar Ricardo.

Apesar de sentir-se envergonhado, Ricardo demonstra total entrega ao que Seu Manuel lhe oferece, chegando a comparar o carinho dele com outras formas de relacionamento heterossexual que Ricardo teve com sua primeira paixão, Isaura, e com sua esposa morta, Odete: “De noite seu Manuel ia para o quarto dele [Ricardo]. Trancavam-se e o criminoso de três mortes botava a cabeça de Ricardo nas pernas, passava as mãos na carapinha, como nunca mulher nenhuma teria feito com ele” (REGO, 2002, p. 50).

Ao mesmo tempo em que demonstra sentir-se atraído por Manuel, ele sente-se envolto em um relacionamento que lhe causa nojo: “Às vezes Ricardo sentia náuseas de tudo isso, um nojo de se ver assim, acariciado, coberto de cuidados e de dengos de um outro homem” (REGO, 2002, p. 51). Essa atitude que mescla sentimentos dúbios diante das coisas é uma característica do personagem Ricardo e o acompanha em toda a sua trajetória no romance: “E ficou vacilando, como sempre fora a fraqueza de sua vida” (REGO, 2002, p. 73).

Essa dubiedade não diz respeito apenas ao relacionamento que o personagem mantém com Manuel. Na verdade, o que marca a ligação homoerótica de Ricardo com o cozinheiro é o carinho que este demonstra por Ricardo e o tratamento de respeito que o “ex-moleque” de engenho tem pelo companheiro. Quando Ricardo está se despedindo de Manuel, para voltar para o Recife, vemos que aquele reconhece em Ricardo o único homem que o tratou com respeito e carinho: “Até ali só encontrara um que fora bom para ele. Era Ricardo [...] Só Ricardo era bom, dera-se com o gênio dele, sabia entender o seu coração” (REGO, 2002, p. 60).

Via discurso indireto-livre, o narrador mostra o que significa o relacionamento entre Ricardo e Manuel, fazendo com que aquele identifique no cozinheiro um tipo de amor que não foi possível encontrar em outros relacionamentos heterossexuais: “Um amor mais feroz do que o de Isaura na hora boa, mais pegajento do que o de Odete” (REGO, 2002, p. 58).

Ricardo também enxerga em Manuel a junção de duas figuras femininas que lhe proporcionaram sentimentos sublimes e prazer sexual – mãe e prostituta: “[Manuel] Vinha com aquela ternura que era uma mistura de agrado de mãe e de rapariga, tão bom, tão carinhoso que ele se perdia outra vez, entregando-se a tudo que ▶

▶ viesse, até o fim” (REGO, 2002, p. 52).

Diante da identificação constante de Manuel com as figuras de mulheres que marcaram a vivência de Ricardo, fica a certeza de que o cozinheiro assume o papel de passividade no ato sexual, configurando-se, assim, dentro da lógica preconceituosa de Ricardo, como o “sodomita”.

À medida que se estreita a proximidade entre os dois presos, dá-se o reconhecimento de que o relacionamento sexual deles era algo fixo e não mais um encontro casual. Primeiramente, é o próprio Ricardo que reconhece que ele vive “de grande, naquela sem-vergonhice, com um homem como mulher no quarto, passando bem, comendo do melhor que se comia na ilha” (REGO, 2002, p. 55). Depois, são seus colegas de prisão que identificam nos dois um casal: “Na ilha todo mundo sabia da coisa. Olhavam para eles dois como marido e mulher” (REGO, 2002, p. 43).

#### SENTIMENTO FORTE

Embora esta primeira parte do romance tenha como foco narrativo a visão de Ricardo, o narrador conduz a história diretamente através da mente de diferentes personagens, valendo-se do discurso indireto-livre.

Graças a esse processo narrativo, é possível percebermos um posicionamento do cozinheiro Manuel quanto ao seu relacionamento com Ricardo. Na visão de Seu Manuel, seu comportamento homossexual é visto como um castigo: “[Ele] Tinha aquele fraco. Era uma desgraça um homem precisar de outro, como ele precisava [...] melhor tudo o que fosse pior na vida do que precisar um homem de outro como ele” (REGO, 2002, p. 59).

Embora os dois tenham consciência de que o comportamento homossexual seja algo que traga nojo, no caso de Ricardo, ou seja visto como um castigo, no caso de Manuel, os dois não conseguem se desligar um do outro por vontade própria. O sentimento que se cria entre eles é tão forte que Ricardo, quando percebe que Seu Manuel sente-se triste com a partida dele para o Recife, cogita na possibilidade de não deixar a prisão, para ficar com o companheiro. Essa atitude de negar a liberdade seria justificada porque Ricardo reconhece que:

Gostava do outro, nunca ninguém fora assim dele, fizera dele tudo no mundo. Seu Manuel era um branco, tinha um cabelo estirado como os brancos do Santa

Rosa e vivia precisando dele, fazendo o impossível para lhe arranjar um agrado. Quem o amara assim? Mãe Avelina, Isaura, Guiomar, Odete? Ninguém no mundo tivera para ele um amor como aquele de seu Manuel (REGO, 2002, p. 61).

A ligação é tão forte entre os dois que eles demonstram um ato de carinho na frente de todos os outros prisioneiros, durante a despedida de Ricardo: “E, na despedida da praia, enquanto todos se separavam, eles se abraçaram no meio do povo” (REGO, 2002, p. 61).

Já em liberdade, Ricardo demonstra sentir saudades do companheiro Manuel e, ao que parece, ele gostaria que fosse possível manter o mesmo tipo de ligação amorosa que teve em Fernando de Noronha fora do espaço da prisão. Mas ele reconhece, também, que, se lá o amor homossexual era possível, no espaço da liberdade ele não deveria acontecer: “Seu Manuel, na ilha, gostava dele como ninguém. Mas não podia mostrar aquele amor, seria levado ao deboche, olhado como safado. Este mundo era errado, tudo errado” (REGO, 2002, p. 74).

Fora de Fernando de Noronha, Ricardo acaba digerindo melhor os seus sentimentos por Manuel e reconhece que no cozinheiro encontrou alguém que o amava de verdade: “O amor de seu Manuel enchera-lhe os dias da ilha de uma satisfação incalculável. E não podia falar disto a ninguém. Amor de um homem que era uma miséria para os outros” (REGO, 2002, p. 81).

Esse reconhecimento da forte ligação com Manuel acompanha Ricardo mesmo depois de ele deixar Recife para voltar a residir junto com sua mãe e irmãos, na várzea do rio Paraíba. Ao lado da família, é de Seu Manuel que Ricardo recorda, nos momentos de solidão: “Às vezes, quando ficava nos

fundos do barracão, vinham-lhe umas saudades esquisitas. Lembrava-se de seu Manuel. [...] Lembrava-se mais dele do que de Isaura [...] Nunca mais que uma pessoa lhe quisesse tanto bem, lhe fosse tão dedicada (REGO, 2002, p. 155)”. Mas a falta de Manuel é aplacada quando Ricardo entra novamente em outro relacionamento heterossexual com uma moradora do lugar em que mora o rapaz.

De modo geral, os relacionamentos homoeróticos masculinos na obra de José Lins do Rego são vistos como uma contingência de um determinado momento que faz com que um grupo de homens se isolem do convívio com mulheres, como no caso dos colégios internos, das prisões ou dos grupos de cangaços. Essas relações, na visão dos personagens ou dos narradores, são ocasionadas pelas necessidades momentâneas.

Mas há, também, o caso dos que possuem um comportamento homossexual que não é causado pelo momento, sendo estes personagens identificados com a estereotipia do *ethos* gay. Neste último caso, o personagem é identificado na figura do homossexual que incorpora trejeitos e alcunhas do feminino. Nestes textos, quando se fala das relações homoeróticas masculinas, são usadas palavras como “sodomita”, “Somita” para se referir ao homem que faz sexo com outro homem.

Percebe-se, também, que as práticas homoeróticas são conhecidas por diferentes personagens, mas pouco ou nada é discutido entre os personagens sobre esse assunto. Fala-se em surdina, comenta-se por alto, critica-se, mas eles não conversam sobre o tema levantando um posicionamento aberto. Esta esfera do desejo surge comumente do que não é dito, se constituindo sob o status de inominável, dado ao seu caráter de ilegalidade. ❖

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Usina*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Riacho doce*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Água-mãe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Pedra bonita*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

José Vilian Mangueira é doutor em Letras e professor de Literatura Anglo-Americana na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Mora em João Pessoa (PB).

# "Ano passado eu morri, mas este ano eu não morro" Diário de uma descoberta

**Astier Basílio**

Especial para o *Correio das Artes*

[Algum dia de 2020,  
Láuriston Pinheiro, amigo]

**N**ão sei precisar a data, mas ele foi o primeiro a me procurar quando o Brasil inteiro murmurava os versos, até então creditados pela maioria das pessoas, a Belchior, através da canção 'Sujeito de Sorte'. Por trabalharmos juntos por muito tempo, Láuriston conhecia minha pesquisa sobre Zé Limeira. Ligou-me de um restaurante, localizado em um shopping center à beira mar, em João Pessoa.

Foi para ele que eu disse a minha primeira hipótese sobre a autoria dos versos "Ano passado eu morri, mas este ano eu não morro". Conteí que o mais provável era a de que os versos nem de Zé Limeira fossem, mas de outro repentista, Otacílio Batista. Baseei-me apenas na minha memória. Não era necessário fazer checagens precisas.

Mais uma vez cobreí a mim mesmo concluir o livro sobre Zé Limeira, que me tomou anos de trabalho, uma pequena fortuna gasta nos sebos de todo o Brasil, para a aquisição de todas as edições do livro de Orlando Tejo.

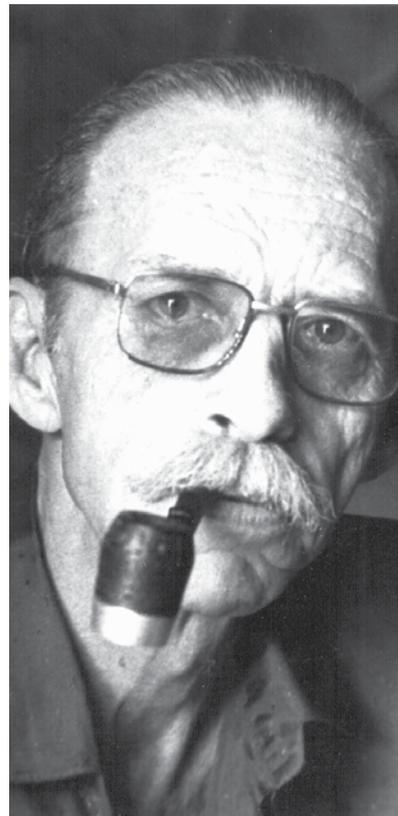
[9 de janeiro de 2021,  
Phelipe Caldas,  
jornalista do G1]

Eu havia acordado por volta das 8 da manhã do dia seguinte. Era um domingo. Havia uma mensagem. "Eu estou querendo fazer uma matéria para o G1 sobre Zé Limeira. Aí me lembrei que você estava escrevendo um livro".

Aceitei ser uma das fontes da matéria. Marcamos nossa conversa para a quarta-feira. Os afazeres do mestrado, que à época eu cursava, não me permitiram retomar de modo satisfatório as minhas anotações. Fui em busca daquilo que me lembrava: a reivindicação de Otacílio da autoria do verso. Anos que eu não consultava minhas notas. Um escarcéu sem ordem e sem índice. Dei-me por satisfeito, entretanto. Foi suficiente para ancorar minhas hipóteses, que são compartilhadas com Phelipe.

Repassei: é de outubro de 1973 o livro de Orlando Tejo, onde está registrada a sextilha: "Eu já cantei no RecifDentro do Pronto Socorro,/ Ganhei duzentos mil réis,/ Comprei

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



Em 1968, Orlando Tejo (foto) citava Zé Limeira em seu livro, uma das primeiras vezes que os versos de "Ano passado eu morri..." são registrados

duzentos cachorro,/Morri no ano passado,/Mais esse ano eu não morro". *Alucinação*, o LP de Belchior, no qual os versos aparecem, é de 1976.

Falei: ocorre que Otacílio Batista reivindicou a autoria, justamente, desta sextilha na segunda edição da *Antologia Ilustrada dos Cantadores*, que escreveu com Doutor Linhares, em 1982. Foi isto o que conteí a Phelipe. E foi isto o que se publicou. No dia 22 de janeiro, me fotografei por trás da pilha das 11 edições do livro *Zé Limeira, o Poeta do Absurdo*. Esta é uma das imagens que ilustrará a reportagem, publicada no final daquele mês.

No dia primeiro de fevereiro, recebo outra mensagem de Phelipe Caldas. "O JPB se interessou pela matéria", me dizia. Topei enviar um vídeo, de até um minuto, em que falo sobre o verso e a suposta autoria de Otacílio Batista. Tanto na fotografia, como no vídeo, estou usando um chapéu cinza, que comprei para

▶ passar a virada de ano. Atravessei 2021 dentro de um trem que se dirigia para Stavropol, província onde nasceu Mikhail Gorbachev.

[30 de março, de 2021, Bruno Molinero, jornalista da Folha de São Paulo]

Abro meu correio eletrônico. “Acho que nunca nos falamos, mas sou repórter da Folha e queria ver se poderia me ajudar com uma matéria”. Combinamos o horário. E marcamos uma entrevista. Era uma quarta-feira. Combinamos para conversar sexta-feira da semana seguinte.

Aproveitei para consultar meus arquivos. Mais familiarizado estava com o meu material. Não me ative apenas ao que estava salvo na nuvem. Pressupondo que pudesse ter esquecido de algum arquivo, liguei o notebook que não uso mais. Localizei as pastas. Reenviei todo o material relativo. A grande dificuldade foi, em meio ao caos de notas e de rascunhos de capítulos, poder encontrar o fio da meada.

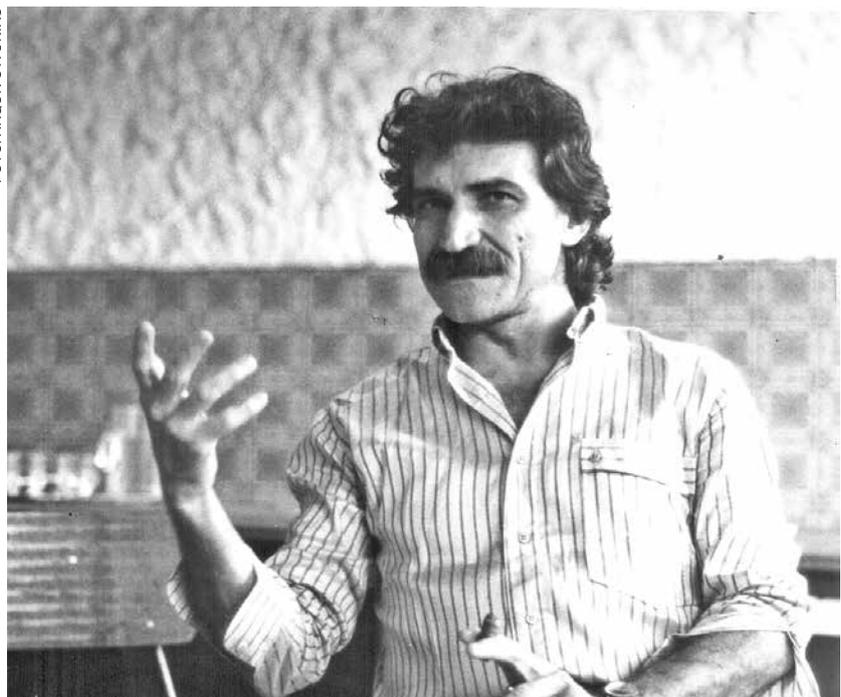
Até que sou tomado pelo meu primeiro assombro.

Aciono a ferramenta “localizar” e digito as benditas palavrinhas que sacudiram o Brasil e me surge uma página de jornal. Coluna do Jornal da Paraíba. 29 de maio de 1973. Cinco meses antes do lançamento do livro de Orlando Tejo. Era, até então, o registro mais antigo daquele verso.

Foi isto o que eu disse. E foi este o gancho que Bruno usou para abrir a matéria dele, que saiu na Folha de São Paulo, em 4 de maio: “Entenda como o grito anti-Bolsonaro se encontrou no verso ‘ano passado eu morri’. Letra cult surgiu com Zé Limeira, foi creditada a Belchior, usada por Emicida e se tornou um hino contra o governo atual”.

Continuei a pesquisa nos meus papéis velhos. O fio puxado me trouxe o meu segundo assombro. Em 1972, localizei uma reportagem do Jornal do Brasil. Repentistas são o tema. A matéria é feita por uma jornalista que não entende bem do assunto. Dentre os personagens, Otacílio Batista. É um texto longo. Zé Limeira é citado. Tudo leva a crer que foi o próprio Otacílio quem soprou no ouvido da repórter as histórias do Poeta do Absurdo. Aparece uma versão, não em sextilha, mas em décima, de “ano passado em

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



Lançada em 1976, no LP *‘Alucinação’*, a canção *‘Sujeito de sorte’*, de Belchior, trazia os versos de *‘Ano passado eu morri...’*

morri, mas este ano eu não morro”.

A gambiarra de epifanias não cessa. Continuo puxando o fio. Em 1971, portanto, dois anos antes da publicação do livro, há uma montagem, em São Paulo, do espetáculo *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna. O escritor fez uma exigência à produção: que uma dupla de repentistas se apresentasse durante a primeira semana da temporada. São convidados José Gonçalves e Geraldo Amâncio. A um jornal de *São Paulo*, o quarentão José Gonçalves conta sobre sua carreira. Fala que começou a improvisar no seu estado natal, o Ceará.

Até que Gonçalves narra sua chegada em Campina Grande. Em

1953. E, sem que o repórter o instigasse, espontaneamente compartilha sua memória. Diz que recorda vivamente do poeta Zé Limeira cantando na Feira Central. E cita um dos seus versos mais conhecidos. Sim. Aquele que o Brasil pensava ser de autoria de Belchior.

Mas aquela ainda não era a última referência. Eu encontraria uma mais antiga. No final de 1968, quando Orlando Tejo estava escrevendo o livro. Como candidato a vereador, ele foi personagem de uma revista de circulação nacional. E disse que caso não ganhasse a eleição - algo ▶

## VERSO DEU A DIRETRIZ

Uma das minhas principais dificuldades ao escrever o livro sobre Zé Limeira era o de saber para quem eu estava escrevendo. Se para um leitor já familiarizado com a cantoria ou para alguém que não conhecia bem do assunto.

O rumor criado em torno do verso me deu a diretriz e orientou a minha escrita. E assim alinhei meus escritos, pensando tanto no jovem que se encantou com os versos, que conheceu na voz de Belchior, como nas pessoas que já leram o livro de Tejo e tem sua própria hipótese sobre a lenda.

Eu teria um mês.

Apesar dos afazeres acadêmicos, além de aulas, escrita de artigos, pesquisa para dissertação, estabeleci uma meta diária de escrita. Não tinha assinatura na Netflix. E era lá que estava o documentário *Amar Elo*, de Emicida. Julguei essencial ver aquele filme. Fui socorrido por Cristhiano Aguiar. Ao escolher um nome para meu perfil de usuário optei por “Pobre Diabo”.

É uma piada nossa. Tem a ver com os personagens do escritor chileno Roberto Bolaño, que tanto amamos. O livro, ou melhor, os 150 mil caracteres dele, tiveram como abertura este texto:

► que realmente aconteceu - o mais importante seria o livro. E cita seu personagem: Zé Limeira. E ao fazer isso, ilustra com exemplos de alguns versos. E sim. Eu estava diante da referência mais antiga das dez palavrinhas que se tornaram hino da pandemia brasileira.

[23 de abril de 2021,  
prêmio Todavia]

Antes que eu enviasse um arquivo com 150 mil caracteres para concorrer ao prêmio Todavia de Não-Ficção, fui convidado para participar de um *podcast* da Folha de São Paulo.

Foi quando compartilhei minhas descobertas. A cronologia das epifanias. A citação de Otacílio, em 1972. A recordação de José Gonçalves, em 1971. A citação do próprio Orlando Tejo, em 1968.

## A DEVOLUÇÃO DA ALMA DE ZÉ LIMEIRA

No caminho para a Barra do Kwanza, na cidade de Luanda, capital de Angola, se vê no topo do Morro da Cruz, a capela da Casa Grande. Antes de serem enviados ao Brasil, onde eram vendidos como escravos, os negros eram batizados.

O local foi transformado, em 1977, no Museu Nacional da Escravatura. Visitando a África pela primeira vez, onde viera realizar um projeto do qual constavam apresentações musicais, Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como

Emicida, entrou naquelas dependências. O ano era 2015. “E naquele lugar tinha uma pia e estava escrito na parede um texto que era mais ou menos assim: foi nesta pia que os negros foram batizados e através de uma ideia distorcida de cristianismo eles foram levados a acreditar que não tinham alma”.

Emicida, após ler aquilo, sentiu que havia entendido qual seria o seu papel como artista e militante. “Minha missão, cada vez que eu pegar uma caneta e um microfone, é devolver a alma de cada um dos meus irmãos e irmãs que sentiu que um dia não teve uma”. Este relato foi compartilhado com a plateia que lotou o teatro municipal de São Paulo, durante as gravações do filme *AmarElo - É tudo para ontem*.

O título do documentário veio de uma canção, que também nomeia o último disco do artista. E é nesta faixa que, mesmo sem ter consciência, Emicida cumpria a missão de devolver a alma a um seu irmão, o também poeta Zé Limeira. Um negro, do sertão da Paraíba, que nasceu em 1885, quando no Brasil ainda vigorava a escravidão. Como Emicida, um improvisador. Alguém que ganhou a vida em batalhas nas quais o mais importante era sobrepular o adversário com a capacidade de rimar.

São seus os versos pungentes “ano passado eu morri, mas este ano eu não morro”, que se tornaram uma espécie de emblema do país devastado pela Covid-19. Discorrer

sobre o fato de que a autoria tenham sido lhe negada e atribuída a outra pessoa, o cantor e compositor Belchior, vai demandar que empreendamos uma verdadeira jornada Brasil adentro, no qual conheceremos a existência de centros e margens a se reproduzir, inclusive, em manifestações oprimidas, como é o caso da cantoria de viola, arte marginalizada socialmente, mas que também, em suas práticas reproduzia e imitava as mesmas injustiças sofridas, com aqueles, como Zé Limeira, a quem consideravam inferiores.

Do vozeirão retumbante do cantador negro, que usava lenço vermelho, óculos escuros e anéis coloridos e era ridicularizado por seus colegas até chegar pela voz de outro improvisador, também negro, que com seu trabalho fez com que através de sua voz a voz de muitos negros retumbasse no palco do teatro Municipal de São Paulo, estes versos empreenderam uma verdadeira diáspora.

E é esta a história que iremos contar.

[ 10 de dezembro de 2021, André Cananea]

Mas não contamos.

Se ganhasse o perdesse, escreveria um texto rastreando a origem do verso. Foi a promessa que fiz a André Cananea, companheiro de armas e palavras de longas datas, desde os tempos do extinto Jornal da Paraíba. ✖

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO



Repentista, Otacílio Batista reivindicou a autoria da sextilha atribuída a Zé Limeira na *'Antologia Ilustrada dos Cantadores'*

## COVID-19 NA RÚSSIA

Na última semana, em que escrevia o projeto de livro a ser enviado pela Todavia, o andar do meu alojamento seria trancado em quarentena, por conta de que alguns estudantes haviam sido contaminados pela Covid-19.

Em 17 de abril, me mudei para um hostel. Strawberry Duck. Localizado em um bairro antigo, chamado Chistyye prudy, cenário de alguns episódios do romance *O Mestre e a Margarida*, de Bulgakov (tempos depois me dei conta de que havia me confundido com Patriarshiye prudy, mas durante todo o período em que estive lá fiei-me na ilusão de que caminhava por territórios de ficção).

## “NÃO FOI DESTA VEZ”

No começo de novembro, recebi uma mensagem padrão da Todavia. “Não foi dessa vez”. Estava num centro de observação de infectados. Sim, eu havia pego Covid.

Enquanto termino de escrever este texto, especulo as possibilidades de retomar este projeto e de, ainda que escrevendo 30 minutos por dia, concluí-lo e fechar um ciclo de já dura mais de 20 anos de pesquisa com Zé Limeira.

Que seja em 2022. Porque ano passado eu morri. Mas este ano eu não morro.

Astier Basílio é jornalista, poeta, escritor, dramaturgo e pesquisador. Venceu o prêmio Funarte de Dramaturgia em 2014 e foi finalista do prêmio Sesc de literatura na categoria romance em 2017. Nasceu em Pernambuco, mas viveu até a fase adulta entre Campina Grande e João Pessoa, na Paraíba. Atualmente mora em Moscou, na Rússia.

# Marília e seu pássaro secreto

**Clemente Rosas**

Especial para o *Correio das Artes*

**A** propósito do último romance de Marília Arnaud – *O Pássaro Secreto* – recordo o artigo que escrevi e publiquei na Revista Eletrônica *Será?* ([www.revistasera.info](http://www.revistasera.info)), por volta de setembro de 2016,

FOTO: REPRODUÇÃO/REDES SOCIAIS

Marília e a capa de seu novo livro, *O Pássaro Secreto*: mãos de jardineira na composição das frases, a ourivesaria das palavras, o coração nordestino nas imagens



com o título “Marília e Clarice”. Recordo, também, outro texto meu, um ano depois, sobre problemas da ficção literária no tempo e no espaço geográfico: “De Romancistas, Brasileiros e Russos”.

No primeiro desses textos, fiz a louvação dos dois primeiros trabalhos de Marília – *Suíte de Silêncios* e *Liturgia do Fim*: linguagem rica, bem inserida no contexto nordestino, sensibilidade na caracterização dos personagens, esmero na expressão. Mesmo admitindo que a chamada ficção intimista não é da minha preferência.

No segundo, em conversa com Ariano Suassuna, aventei a tese de que há um momento histórico propício para o florescimento das obras de ficção, ao redor do mundo. Na Rússia, por exemplo, teria sido a segunda metade do século 19, com Gógol, Tolstói, Dostoiévski, Leskov, Tchecov, Turguêniev, Andreiev. No Brasil, a primeira metade do século 20, com o romance nordestino de José Américo de Almeida, Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Amando Fontes. Estes compuseram grandes cenários da civilização do cacau e da cana de açúcar, das agruras da seca e também de seus rebatimentos urbanos, como no caso do sergipano, último da lista, hoje injustamente esquecido.

Mas o que se observa agora – excetuando as irrupções tardias de Guimarães Rosa, Mário Palmério (*Vila dos Confins*), e José Cândido de Carvalho (*O Coronel e o Lobisomem*), além do próprio Ariano, naturalmente – é o mergulho da ficção nos abismos da alma humana, sem qualquer dimensão sociológica, sem uma clara lição de vida a transmitir. Como explicar isso?

Arrisco uma hipótese. Em pri-

▶ meiro lugar, não há mais espaço para painéis da vida social como, por exemplo, ao tempo de Eça de Queiroz, que nos brindou com tantos romances críticos da sociedade portuguesa do seu tempo. A pletera de meios de comunicação, e a sua velocidade, entopem-nos de notícias, imagens, juízos, análises, interpretações, roubando o campo da exploração mais refletida e crítica da obra ficcional.

Por outro lado, não podemos mais sonhar com uma sociedade alternativa, solidária, igualitária, justa, inspiradora do velho ideal de transformações, que embasava o trabalho de criação de muitos dos nossos romancistas. A realidade política, a partir do final do século 20, não mais permite ilusões, condenando a ficção a um mergulho na individualidade humana, eivado de pessimismo. Pois como observou Humberto de Campos, escritor em moda na primeira metade do século 20, “as almas humanas são poços insondáveis, abertos na sombra”.

Encarando agora o recente livro de Marília, vejo que todas as qualidades ressaltadas nos romances anteriores estão presentes, com aprofundamento

apenas do tom intimista e sombrio. Lembrou-me, pelo clima, a “Crônica da Casa Assassinada”, de Lúcio Cardoso, o “dostoiévski brasileiro”. Mas o romance de Cardoso tem um forte componente sociológico, ao tratar de uma família da aristocracia rural, decadente, desestruturada, com a presença de uma criatura feminina, urbana e moderna, envolvendo no processo homossexualismo, adultério e incesto. Não é bem o caso de *O Pássaro Secreto*.

Este lembrou-me, também, por relatar um amor desesperado - ainda mais por não ser explicitamente assumido - o personagem Heathcliff, de Emily Bronte, em *O Morro dos Ventos Uivantes*. Um amor obstinado, que leva ao crime e à loucura. O “Pássaro Secreto”, ou “a Coisa”, figurada como uma ave de presa, responsável pelo desvario da protagonista da história (que é narrada na primeira pessoa), pode ser identificado com o “ID” freudiano. Não por acaso, o indivíduo objeto desse amor chama-se Demian, como o herói de Hermann Hesse, que tinha o “sinal de Caim”, seguia apenas “seus impulsos interiores” e os “desígnios de Abraxas”, “deus e demônio ao mesmo tempo” e que, enfim, “não se opunha a qualquer dos seus sonhos”. Versão do “super-homem” nietscheano, foi o personagem ideal para desestabilizar a “heroína problemática” (v. Lukács) de Marília, cujo final é chocante, imprevisível, quase escandaloso.

Impressiona-me o fato de a nossa Marília, de ar tão sereno, ser capaz de conceber, com profundidade, personagem tão dos-

toievskiano como a sua Aglaia. Minha surpresa é comparável à de Mr. Thackeray, renomado escritor inglês, ao tomar conhecimento dos tipos desvairados que povoam as obras das irmãs Bronte (Emily, em especial), tão reservadas, discretas, tranquilas, como eram elas. Tipos portadores de paixões loucas, desmesuradas, que se projetavam até além da vida.

Não posso deixar de louvar a qualidade do texto de nossa já consagrada romancista, que nos prende o fôlego até a última página. Mãos de jardineira na composição das frases, a ourivesaria das palavras, o coração nordestino nas imagens. (Quem já viu, em qualquer dos nossos ficcionistas, a comparação de uma sobancelha mal delineada com um embuá?). Mas lamento não termos mais os desafios e a vida aventureira de Conrad, Melville, Kazantzakis, Máximo Gorki, Saint-Exupéry, autores de minha devoção, para a inspirarem, só lhe restando mergulhar nos poços insondáveis das almas humanas, de que falava Humberto de Campos. E a nós, leitores deslumbrados, mergulhar com ela. ✦

**Impressiona-me  
o fato de a nossa  
Marília, de ar tão  
sereno, ser capaz  
de conceber, com  
profundidade,  
personagem tão  
dostoiévskiano  
como a sua  
Aglaia**

---

**Clemente Rosas Ribeiro** nasceu em João Pessoa, em 27 de setembro de 1940. É formado em Direito pela Universidade Federal da Paraíba e pós-graduado em Desenvolvimento Econômico. Foi Procurador-Geral da Sudene. Integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’ e ‘Lira dos anos dourados’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).

## Ludmila S

**1. Liturgia da Consagração**

Gesto-te, sangue de meu sangue, meu poema  
 e teu canto me alcança quando o meu se cala.  
 É para dizer-te que eu existo.  
 És a raiz de todas as palavras que me faltam.  
 Eu te nomeio, apenas, para que me fecundes  
 com o fogo do teu verbo vivo.  
 Ele que consagra a noite com o mesmo dom  
 secreto com que sangra o dia.  
 Toco tuas palavras que me inspiram  
 e se transformam em pão em minha boca  
 e então...  
 Sento-me à mesa e te comungo  
 nessa liturgia da consagração  
 em que o poema se faz carne e me habita.

**2 A vertigem do poema**

Eu te componho em mim,  
 mas não no emaranhado das frases lapidares.  
 Escrevo-te nas entrelinhas da noite,  
 no silêncio do estio,  
 no cenário dos sonhos entre tempestades.  
 Construo-te na palpitação do tempo  
 onde a razão não encontra serventia.  
 Na turbulência dos sentidos,  
 na submissão do texto,  
 na rotação do transe que move o mundo  
 eu me anoro e me entrego à vertigem  
 de ser o avesso do poema  
 que se lê, como se não fosse...

**3. O idioma dos sonhos e das nuvens**

Este idioma com que falo às nuvens  
 enquanto o sono me espreita  
 e embaralha as imagens com que colonizo os sonhos  
 é língua estrangeira de reduzido uso.  
 A ela respondem as ondas e os rochedos  
 e algum pássaro noturno, se o chamo pelo primitivo nome.  
 Então, abrem-se as portas do reino,  
 o sono vence a batalha e me leva ao seu domínio:  
 lá onde surgem as estrelas,  
 lá onde nascem os poemas,  
 lá onde o silêncio reina soberano,  
 lá onde a vida forja novas contendidas  
 e me semeia de abismos.

**4. Ária para o assvio do vento**

Só o vento assovia  
 uma ária para pássaros e flores.  
 Mas eu o ouço e danço entre nuvens,  
 incendiada de urgências,  
 anelando pelo mistério das águas  
 e seus aromas de encantar libélulas  
 e seus poder de acordar sementes  
 e sua magia de alimentar riachos  
 e me embalar para a travessia...

**5. Ternura antiga**

Eu te convido à minha casa. Entra!  
 Pousa teu olhar sobre as videiras.  
 Eu as plantei para saciar-te a sede.  
 O pão também é teu.  
 São teus o vinho e o lume.  
 Para consagrar-te não construí altares  
 Apenas te falei numa linguagem pura  
 então, a essência do amor selou o entendimento  
 E o teu corpo entregou-se à essa ternura,

**6. O que posso fazer?**

O que posso fazer se me desejas terra?  
 Perdão se não possuo a solidez das rochas.  
 Perdão se não ostento a pele de carne e musgo  
 e nem o doce aroma dos narcisos.  
 Sou feita de água e ar. Turbulenta, abissal, salobra,  
 onde a lua banha suas faces e o sol desponta.  
 Esta sou eu: crio cardumes nas entranhas  
 e deflagro os naufrágios.  
 E te digo mais:  
 Tudo que é líquido é misterioso e fecundo  
 pois é a água que sustenta o mundo.



### 7. Exercício para treinar ausência

Adentrar o esquecimento  
e caminhar por suas ruas nuas  
Sem tempo nem roteiros.  
Adentrar o esquecimento  
e, sem lágrimas, celebrar  
o vácuo de memórias:  
As pedras sobre os olhos,  
O silêncio sobre os lábios.  
Adentrar o esquecimento  
e, no limbo, anelar por um verbo  
virgem de sentido para ver cada coisa  
renascer com novo nome e espírito  
e, novamente, das trevas, ver surgir a luz!



**Ludmila Saharovsky** nasceu em Lager Parsch - campo para refugiados de guerra em Salzburg, Áustria. Emigrou com os pais, russos, para o Brasil. Mora em Jacareí (SP), onde desenvolve intensa atividade cultural. Professora, Escritora, tradutora, tem 14 livros publicados entre poesia, crônicas peças teatrais, ficção, nano contos, contos infantis e história familiar. Teve quatro peças encenadas: Pitty e o Roubo do Sol (musical infantil juvenil) No Útero de Deus (poemas sobre a morte) Te sei (Ballet moderno baseado em seus poemas eróticos) e A pedra e o lago (monólogo sobre os desencontros e desencantos amorosos). É blogueira desde 2004, [www.ludmilasaharovsky.com](http://www.ludmilasaharovsky.com).



# Carlos Newton Júnior

(Dois livros, 201 sonetos)

**N**enhum poeta pode ser conhecido sozinho, dizia T. S. Eliot. Carlos Newton Júnior, pernambucano radicado em Recife, não fugiria, portanto, à regra. Sua poesia, distribuída em diversos títulos, ao mesmo tempo em que captura os sinais do mundo e os percursos da experiência humana, estabelece, internamente, um permanente diálogo com a tradição, convocando, aqui e ali, a presença de vozes indispensáveis à formulação do cânone

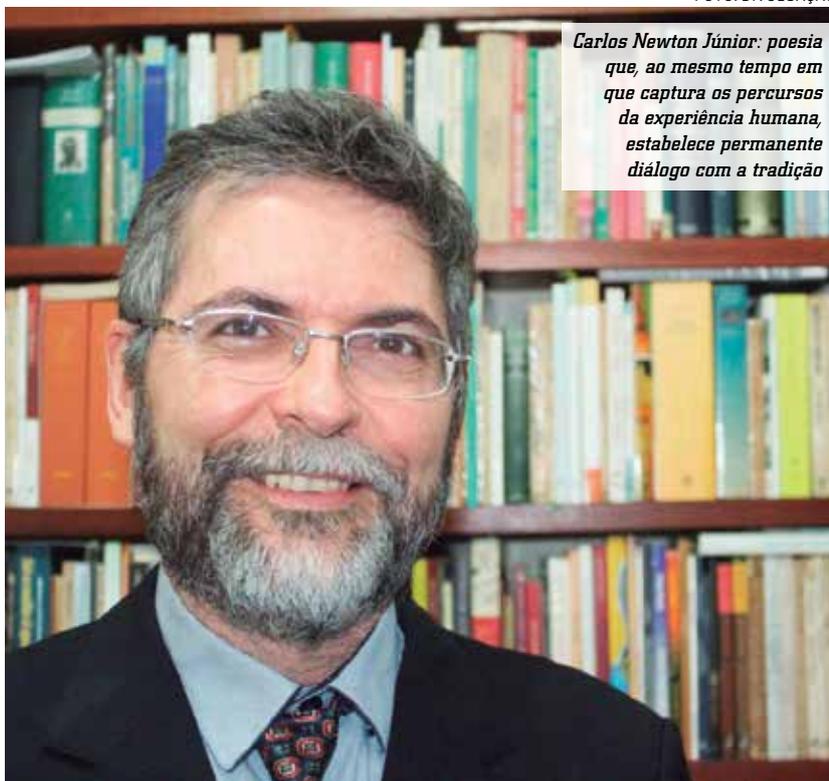
literário. Autêntico no seu labor constante com a palavra, assimila e transmuta, em dicção pessoal e única, os legados disponíveis das formas e dos exemplos do que há de melhor e mais genuíno no vasto e variado patrimônio poético do Ocidente.

A tradição, assim, ocupa lugar de destaque no seu contínuo processo de criação; uma tradição que reconhece e respeita, convicto de que o passado estende seus tentáculos estéticos sobre a fatura do presente, muito embora transformado sob o imperativo de novos valores e de novos olhares. Diria que, em Carlos Newton Júnior, o respeito à tradição não elide, no entanto, o desejo de reinventar seus modelos, motes e caminhos.

Neste sentido, sua poética possui um contexto. Um contexto individual, é óbvio, circunscrito a suas escolhas e procedimentos subjetivos; um contexto social e histórico, cuja demanda principal reside na necessidade de plasmar as vivências particulares numa dimensão universal, e um contexto estético onde a sua enunciação poética se cristaliza, retomando e renovando o movimento das formas tradicionais.

Falando assim, quero ressaltar, em especial, seus dois livros mais

FOTO: DIVULGAÇÃO



*Carlos Newton Júnior: poesia que, ao mesmo tempo em que captura os percursos da experiência humana, estabelece permanente diálogo com a tradição*

recentes, publicados pela Nova Fronteira: *Ressurreição: 101 Sonetos de Amor* (2019) e *Memento Mori: Os Sonetos da Morte* (2020). O primeiro, com posfácio de Peron Rios; o segundo, com prefácio de Alexei Bueno.

Que poeta brasileiro contemporâneo, tirante, talvez, o baiano Antônio Ramos Cajazeiras e o paulista Glauco Matoso, tem se valido do soneto como forma privilegiada e de maneira tão intensa? Claro, os registros expressivos são diferentes, porém, o uso da forma fixa dos 14 versos, em técnica e modulação recorrentes, como que pressupõe certa afinidade no gosto da composição poemática.

O exemplo de Carlos Newton Júnior me parece bastante elucidativo. Desde sua primeira coletânea, *O Homem Só e Outros Poemas* (1993), passando, particularmente, por títulos como *Canudos: O Poema dos Quinhentos* (1999), *De Mãos Dadas Aos Caboclos* (2008) até *Ofício de Sapateiro* (2011), o soneto, à italiana ou à inglesa, tem presença marcante em sua produção poética.

Agora, num prazo de dois anos, são dois livros. São 201 sonetos, escritos, parece, de um fôlego só e sob o comando de uma inspiração cerrada e contínua que, se deixa ostentar o fluxo natural da componente emotiva no plano dos sentimentos que se antecipam ao gesto criador, e, principalmente, os que decorrem dos intrínsecos mecanismos textuais, deixa ostentar, não obstante, o domínio dos instrumentos retóricos, em suas possibilidades mórficas, fônicas, sintáticas e semânticas.

Tanto numa obra como na outra, o poeta exhibe, sobretudo dentro do modelo petrarquiano e na cadência compassada do decassílabo, suas virtualidades técnicas no que concerne às exigências da métrica, da rima e do ritmo, na esteira daqueles que souberam firmar o melhor da tradição, a exemplo, e só para ficar no território da língua portuguesa, de Sá de Miranda, Camões, Antero de Quental, Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Cruz e Souza, Augusto dos Anjos, Vinícius e Moraes, Lêdo Ivo, Carlos Pena Filho e Francisco Carvalho, entre tantos



*O amor é o objeto único da abordagem poética da obra lançada em 2019*

outros.

Não vejo em nenhum dos dois livros uma simples coletânea, uma mera reunião de poemas como de hábito. Ambos, a considerar suas motivações básicas, o amor e a morte, e também a meditar acerca de seus critérios estilísticos e seus dispositivos formais, me parecem típicos macrotextos, na perspectiva definida por Maria Corti, citada por Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em sua *Teoria da Literatura* (Oitava edição. Volume 1. Coimbra: Livraria Almedina, 1958, p. 576 -578).

Segundo a estudiosa italiana, o macrotexto literário corresponde a “uma combinatória de elementos temáticos e/ou formais que se atualiza na organização de todos os textos e produz a unidade da coletânea [...] uma progressão do discurso que faz com que cada texto não possa estar senão no lugar em que se encontra”. Dito de outra forma: um conjunto de textos, autônomos e independentes, porém, unidos por eles semânticos e sintáticos que lhes dão unidade e uniformidade suficientes para serem lidos como um texto único, como um poema só. Exemplos, entre outros: *Folhas de Relva*, de Walt Whitman; *As Flores do Mal*,

de Baudelaire; *Mensagem*, de Fernando Pessoa; *Eu*, de Augusto dos Anjos; *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima, e “Oração pelo poema”, de Alberto da Cunha Melo.

O amor, *topoi* dos mais antigos e motivo nuclear da percepção lírica, é o objeto único da abordagem poética do primeiro livro. Uma abordagem, diria, plurifocal, se me prendo aos sinais significantes das três epígrafes: a do evangelista João, a de Camões e a de Guimarães Rosa. Ou seja, o espiritual, o amoroso e o mítico e metafísico. Mescladas na clareira aberta dos sonetos, abrem a perspectiva, estas abordagens, de uma lírica amorosa em que a musa/mulher amada se faz elemento seminal do canto, a raiz primordial das ideias, do ritmo e das imagens. E o amor, como no soneto de número 5, cristalizado como sagração de seu destino.

O título, na sua força catafórica, isto é, no vigor indicial, aponta para o amor como o antídoto da morte, como o sentido da vida, mesmo com seus derivados de padecimentos e esquivanças, na qualidade de vetor essencial ao milagre da linguagem poética. O amor é, sim, ressurreição, e em sendo ressurreição, faz ressurgir o sentimento do amante que assegura: “Recompus os meus ossos alquebrados” (P. 39) e “e vivo como um homem revivido” (P. 45) ou “Terei a ti eterna gratidão / pois o poeta em mim ressuscitaste” (P. 109).

A dualidade emoção e razão, de sabor camoniano, vai perpassar o corpo dos sonetos, desde o primeiro ao último. E dentro desta dialética, o eu lírico assumirá múltiplas posições afetivas, como se cada soneto significasse um registro num insólito diário (vejam-se as datas de cada peça) feito de admiração, zelo, cuidado, espanto, perplexidades, angústia, encantamento e sagração.

“Eis o mistério: a química do amor / a corroer razão e pensamento” (P. 11), deste modo se inicia o primeiro soneto, já dispondo o traço desestabilizador do sentimento amoroso frente ao princípio de realidade. Traço que vai ser cultivado na ampla sequência dos textos, não importam os efeitos perigosos de tal empreitada, tal como consta nos



versos finais do soneto: “Há anos te procuro, peregrino / num deserto escaldante e empedernido, / sem temer solidão, e sede, e fome”.

A idealização da amada, que remonta à estética romântica, colocando-a num patamar de intensa espiritualidade {“amar-te mais do que amo ao próprio Deus” (P. 89)}, faz o eu poético retomar, em momento epifânico, a trajetória lírica de um Dante, com quem decerto comunga no valimento do soneto, como podemos conferir no quarteto inicial do exemplo de número 80: “O amor que te consagro é o mesmo amor / que move o sol e todas as estrelas. // O amor que sopra o vento, enfuna as velas, / e de tudo que vive é o motor” (P. 90).

O cariz hiperbólico deste amante platônico, em certas instâncias, associa a presença da amada aos efeitos cósmicos e teofânicos de raiz bíblica, numa moldura de júbilo e espanto, conforme deparamos no terceto final do soneto 11: “No meu delírio, invejo até o espelho / em que repousas teu olhar atento. / Caminhas e se abre o Mar Vermelho” (P. 21). O mito do andrógino é recuperado no soneto 73, na perspectiva da plenitude amorosa, na fusão harmônica de duas criaturas que se completam, pois, na enunciação do eu lírico, “um deles somos nós, e já me invade / a alegria do encontro que imagino” (P. 83).

Num certo instante, a amada se transmuta em modelo pictórico dentro do sonho do poeta/amante que, num soneto curiosíssimo, o soneto 82 (P. 92), ao mesmo tempo em que louva a beleza plástica da amada, evoca a mestria criadora dos grandes pintores. Cito na íntegra:

Sonhei que os grandes mestres da pintura  
te escolheram pra tema de um salão.  
Buonarroti fez-te Eva sem Adão.  
Jan Vermeer te banhou de luz tão pura

que Rubens quis rever toda a estrutura  
do quadro que pintou. E só então  
Da Vinci concluiu aquela mão  
da Mona Lisa, que inda estava escura.

Van Gogh, que estava louco, melhorou.  
Renoir te fez rainha de Paris  
e Gala nunca mais Dali pintou.

Munch pegou O Grito e o apagou.  
Picasso te pintou como bem quis  
e ao Taiti Gauguin jamais voltou.

Um elemento, no entanto, me chama a atenção nessa lírica elegíaca e madrigalesca, neste pequeno tratado acerca do amor, nesta fotografia ideal de uma amada idealizada.

Por mais que a força do sentimento impulse a expressão do poeta na tela de sua fantasia criadora, seu texto sabe domar e evitar os excessos, excluir as excrescências, cortar as adiposidades. O sentimento não se transforma em sentimentalismo, a emoção não cai na afetação.

Tudo isto talvez porque o poeta não abdique, à Eliot, da sistemática vigilância diante das palavras. A reflexão amorosa não elimina a consciência crítica perante o uso da linguagem. Daí, e sobremaneira, nos últimos sonetos, aos variados motivos do amor se mistura o toque metalinguístico. Toque este que, pensando a natureza do poético, seus artefatos e sua magia, pensa sobretudo o seu limite, o seu fracasso, a sua derrota, no gesto maior de nomear a amada e sua divina luminosidade.

Neste sentido, o soneto 85 (P. 95) me parece paradigmático:

Não sou nenhum famoso cancionista  
e comparado aos bardos mais antigos.  
Queria te louvar, mas não consigo  
ir além desses versos passageiros.

Que deles tu te agrades e o primeiro  
motivo de escrevê-los teve abrigo.  
Se vier paixão, além de amor de amigos,  
atinjo o objetivo derradeiro.

Não escrevo melhor porque não posso.  
Nem todos têm, no mundo, igual talento  
e a missão que padeço é muito dura.

Aqui emprego todo o meu esforço  
pra cumprir com destreza o meu intento:  
um soneto que esteja à tua altura.

Em *Memento Mori*, a persona da morte toma o lugar do amor e vem enunciar o seu discurso em primeira pessoa, numa espécie de monólogo multicor que oscila, entre outros tons, pelo irônico, o sarcástico, o mórbido, o prosaico, o grotesco e o filosófico. Aqui, a morte funciona como uma espécie de máscara lírica que interpela os seres e lhes

REPRODUÇÃO



*Memento Mori: monólogo multicor que oscila, entre outros tons, pelo irônico, o sarcástico, o mórbido, o prosaico, o grotesco e o filosófico*

- científica de sua presença ubíqua e inapelável. Também são diversas as suas representações e são diversos os seus meios de cortar o fio do destino.

Vista como anjo, mulher, onça ou cobra coral, como no primeiro terceto do soneto de abertura, e se socorrendo de instrumentos de toda espécie, a exemplo dos fármacos, do fumo, dos automóveis, do avião, dos vírus, das bactérias, do revólver, das facas e outras armas brancas, a morte vocífera contra o ser humano, sempre exercitando seus passos e compassos de medonha dançarina. A ela não importa a condição existencial nem social de suas vítimas escolhidas (Ver o soneto de número 34); não importam a hora, o lugar nem a circunstância. O soneto número 1 deixa bem claro, logo no primeiro quarteto, suas indisfarçáveis intenções, senão vejamos: “Não marco a hora. Eu gosto é da surpresa. / Quando menos esperam, apareço. / Se nem pensam em mim, maior apreço / eu sinto quando deixo a vela acesa” (P. 23).

Essa morte que fala, essa morte que se expressa, essa morte que escreve, travestida de poeta, não suporta mesmo a imortalidade, no caso a imortalidade dos artistas, conquanto, num ato de inesperada empatia para com a criação, reconheça a arte como valor que dura e permanece. Leia-se o soneto de número 39 (P. 61), um dos mais bem realizados em seus critérios estéticos:

Eu detesto os poetas, os artistas,  
os grandes criadores, em geral,  
pois a imortalidade, que é um mal,  
está no limiar de suas vistas.

Não me refiro a fotos nas revistas,  
opiniões, matérias em jornal.  
Academia é coisa de boçal,  
seus ‘imortais’ são galos já sem cristas.

Meu problema é com o gênio, sua luta  
contra a desarmonia que soçobra  
no esplendor da Beleza que ele tece.

Com ele nunca sou absoluta:  
é que só levo o artista, não a obra  
- e nesta a essência dele permanece.

À semelhança do que ocorre com os sonetos de amor, os últimos sonetos desse livro também se permitem a exploração metalinguística, e a morte traz à tona a tópica discursiva da oferta irônica, exposta ao gosto do leitor. No soneto 45 (P. 67), ela afirma: “Para escrever poemas com destreza, / confesso que trenei por muitos anos. / Não quis às belas-letas causar danos, / mas sim manter a luz da chama acesa”, ao que acrescenta no soneto 76 (P. 98), desfazendo das vozes alheias, com sua arrogância e soberba habituais: “Nenhum poeta soube me louvar, /

por isso assumo, eu mesma, esta missão. / Vai que assim eu destravo o coração / e canto tudo o que não quis contar”.

Alexei Bueno, em arguto e esclarecedor prefácio, rastreando o tema da morte na literatura ocidental, chama a atenção para nomes decisivos que elegeram a musa negra como ponto central de suas manifestações líricas. Hélinand de Froidmont, autor dos *Versos da Morte*, Alphonsus de Guimaraens, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Augustos dos Anjos, Manuel Bandeira são alguns desses elegíacos a que devo juntar o nome de Carlos Newton Júnior, com este livro emblemático.

No paralelo ensaiado por Alexei Bueno entre Alphonsus de Guimaraens e Augusto dos Anjos, é o primeiro que tem a primazia do tema. Tenho minhas dúvidas! Ambos, me parece, cantam e decantam a morte na maior parte de seus poemas, embora o façam em perspectiva diferente. Alphonsus, simbolista puro, coloca a morte numa esfera intangível, abstrata, espiritual, metafísica, inteiramente adequada à visão melancólica dos que se filiaram àquele movimento literário; Augusto, moderno e com acentos expressionistas, como que impõe a morte num plano concreto, material, orgânico, físico, completamente ajustado à tensão estética de sua poesia agônica e dilacerada.

Penso que Carlos Newton Júnior, nesse *Memento Mori*, ocupa um lugar intermediário entre essas duas atitudes. Também como poeta da morte, contribui para ampliar suas camadas semânticas, maturando a percepção lírica diante desse motivo tradicional. Se não a perscruta numa dimensão inefável, evanescente e transcendental, também não a investiga sob protocolos vasculares, químicos e biológicos. A morte, neste poeta pernambucano, me parece mais prosaica, mais afeita aos afazeres do cotidiano, ao incontornável polimento da rotina.

Amor e morte, dois temas permanentes, dois temas que sempre desafiaram os poetas líricos. Carlos Newton Júnior, sem temer o influxo da tradição, os convoca para o centro de sua poética com esses dois títulos memoráveis.

Se a poesia se consuma na formulação do poema, e se o poema, conforme Valéry, é essa estranha hesitação entre som e sentido, esse conjunto de sonetos figura como exemplo modelar. Compactuando com os méritos intrínsecos da forma fixa, dialogando com o melhor de sua tradição, valorizando a herança do passado, mas um passado móvel e sempre presente no tempo literário, Carlos Newton Júnior assina seu nome entre os mais representativos poetas da poesia brasileira contemporânea. ✦

**Hildeberto Barbosa Filho (HBF)** é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da UFPB e membro da Academia Paraibana de Letras. Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio. Mora em João Pessoa (PB).

# O homem que sonhava ter uma biblioteca

**José Nunes**

Especial para o *Correio das Artes*

**O** juiz federal aposentado José Fernandes de Andrade, o homem que descobre livros raros de autores paraibanos para editar, desde a adolescência sonhava em ter uma biblioteca. Cedo, começou a colecionar obras de autores nacionais e estrangeiros, em edições antigas. Hoje, mais de sete décadas depois, conseguiu completar seu sonho da juventude. Possui uma biblioteca com

milhares de livros, guardados com esmero em estantes perfiladas, a pouca distância uma da outra, o que dá uma dimensão do esforço e da dedicação às artes e, principalmente, à literatura.

Passear entre as estantes apinhadas de obras cuidadosamente preservadas, e manusear livros que guarda durante muitos anos, é, para José Fernandes, o maior prazer. Um prazer que se renova cotidianamente, como que a beber da fonte uma inspiração para se manter ativo.

Foi na pequena Alagoinha, um povoado como tantos existentes na região do Brejo paraibano de oito décadas atrás, que sobrevivia da lavoura de cana-de-açúcar e das plantações que ajudavam a garantir a existência de famílias que, às vezes, recorriam à Guarabira a fim

FOTO: DIVULGAÇÃO



*José Fernandes, em meio as estantes apinhadas de obras cuidadosamente preservadas, em novembro de 2021: ele reedita livros paraibanos raros*



*No Centro de Estudo Jurídicos, há um espaço dedicado ao acadêmico José Rodrigues de Carvalho*

de sanar as maiores aflições, fosse em busca de tratamento de saúde, de uma escola ou para abastecer, de produtos, o que faltava nas mercearias, que José Fernandes descobriu o prazer da leitura, o gosto de ter livros à mão para o deleite e alimentar sonhos. Hoje, recorda as inesquecíveis viagens ao escutar histórias contadas pelos antigos moradores e cantadores de viola, até ser embalado nos sonhos de Gulliver e pelas fábulas de La Fontaine.

“Muito cedo, tomei gosto pelos livros”, afirma ele, ao ressaltar esse apreço pelas artes e obras literárias. Recorda que, quando cursava, ao que à época se chamava de “secundário”, em Guarabira, e, depois, em Patos, prestando exames do Vestibular, em seguida, para o curso de Direito, esse prazer aumentou ainda mais. Nas aulas vagas, frequentava a biblioteca da faculdade e, vendo a paisagem de livros espalhados nas estantes, teve o desejo de, um dia, possuir uma biblioteca em sua casa.

A partir desse período, começou a adquirir livros. Quando recebia um livro de alguém, guardava com o pensamento de, um dia, formar sua biblioteca. Seu sonho ganhou corpo quando montou o escritório de advocacia. “Nessa época, já imaginava, um dia, instalar um centro de estudos jurídicos, mas isso só se tornou possível depois da aposentadoria, como juiz federal”, explica.

Com as reservas monetárias que

guardou durante anos, adquiriu um prédio à avenida São Paulo, no Bairro dos Estados, em João Pessoa, onde ergueu o Centro de Estudos Jurídicos e Sociais. Um largo sorriso e brilho nos olhos mostram o contentamento deste mecenas que garimpa talentos adormecidos, reedita obras de incomparável valor para a história, bem como para a literatura, como um todo.

“Coloquei, neste lugar, meu coração e toda a minha vida. Neste lugar está todo o objetivo de realização de minha vida, que é estar em volta da cultura, trabalhar em favor dos literatos esquecidos”, afirma, enquanto passeia pelas salas e caminha lento por entre as prateleiras repletas de livros, obras atuais de autores paraibanos, nacionais e estrangeiros.

Com a voz pausada de magistrado que definia, com denodo, suas sentenças, ele afirmou ser um homem que restaura os autores paraibanos esquecidos. “São escritores, pesquisadores, homens dedicados às letras que não podem, de modo algum ficar relegados, mas estão sendo esquecidos. Quero restaurar essas obras, como venho fazendo, chegando a trinta e sete obras relançadas e distribuídas, gratuitamente”, comentou.

“Para concluir, quero lhe dizer uma coisa: sou um fuçador a catar livros, seja em livrarias, sebos, junto aos amigos que tenham obras e queiram fornecer”. Nas viagens pelo exterior, sobretudo Espanha e Portugal, chegando às cidades,

procurava os alfarrábios onde pudesse conseguir alguma obra de brasileiros para adquirir.

### **Rodrigues de Carvalho**

No Centro de Estudos Jurídicos e Sociais há um local denominado “Espaço Memória” onde estão alguns pertencentes que retratam sua trajetória de homem público, estudioso do Direito e apaixonado pelas Artes, sobretudo a Literatura, com medalhas e condecorações recebidas. Mas também existe um lugar reservado ao historiador conterrâneo José Rodrigues de Carvalho, patrono da Cadeira que ocupa na Academia Paraibana de Letras Jurídicas. São fotografias, edições de livros e documentos que ajudam a compreender o esforço do advogado que levou o nome da Paraíba a outros Estados, como pesquisador e escritor.

O acervo completo compreende mais de 20 mil obras literárias, livros que estão fora do mercado, grande parte catalogada e outros sendo inventariados, além de um espaço que chama de arquivo de livros, que serão transportados para outras estantes. Sobre as obras que guarda, José Fernandes exhibe livros do século 19, alguns que pretende fazer novas edições.

O monumento à cultura foi erguido num prédio adquirido com recursos próprios, obtidos a partir das economias que juntava ao longo de sua atividade como promotor de Justiça na Paraíba e depois juiz federal. Trata-se de um prédio de três andares, com várias salas e dois auditórios e um mezanino todo climatizado, localizado numa das áreas mais valorizadas da cidade, no Bairro dos Estados.

### **Cejus existe desde 2005**

O jurista José Fernandes de Andrade, natural da cidade de Alagoinhas, formado em Direito da turma de 1966 da Universidade Federal da Paraíba, foi promotor de Justiça na Paraíba e, depois, juiz federal, atividade pela qual se aposentou em 2005.

Depois de muitos anos de espera e projetos para ter um lugar onde pudesse guardar seus livros, como era seu desejo desde a adolescência, um ambiente com condições para oferecer às universidades e

faculdades espaço de pesquisas e estudos, gratuitos, aos seus alunos, tem o desejo realizado. O Centro de Estudos Jurídicos e Sociais José Fernandes de Andrade, hoje é uma referência e palco de eventos culturais, palestras e seminários, que foi inaugurado no dia 26 de abril de 2005.

Uma das propostas do Cejus é reeditar obras do grande valor para as pesquisas da História, das Artes, da Poesia, das Ciências, da Genealogia e da Heráldica, enfim, de tudo o que representa a força da cultura da Paraíba.

Além do espaço da memória onde faz registro de sua caminhada de advogado, promotor e juiz, destacam-se os momentos marcantes junto à família e amigos, ali exibe as condecorações e medalhas conquistadas pelo reconhecimento ao trabalho na magistratura, o Centro de Estudos Jurídicos e Sociais José Fernandes de Andrade também abriu lugar para guardar pertences do seu conterrâneo, o escritor, historiador e advogado José Rodrigues de Carvalho.

Aliás, ressaltou, Rodrigues de Carvalho merece todas as homenagens que se possa oferecer in memoriam, pois fui um brilhante advogado que tinha banca de advocacia na Paraíba, em Recife, Rio de Janeiro e Santos (São Paulo). “Ele foi um homem reconhecido em todo o país”, disse.

É justamente Rodrigues de Carvalho que tem o maior número de livros reeditados pelo Cejus. Obras como *Cancioneiro do Norte*, *Poema de Maio*, *O Coração*, *Liberdade de Imprensa (O Direito de Criticar)*, *Aspectos da Influência Africana na Formação Social do Brasil*, *O Cisne Azul do Rio Tauá*. Também reeditou trabalhos de Coriolano de Medeiros, Ademar Vital, Celso Mariz, Maximiano Lopes Machado, Irineu Ferreira Pinto e Olívio Montenegro, entre outros livros igualmente com edição esgotada.

Já foram publicados 37 livros de autores paraibanos, com distribuição gratuita, dos quais, 17 foram preparados durante a pandemia da Covid 19. “Todo o nosso acervo é colocado à disposição desse público”, comentou.

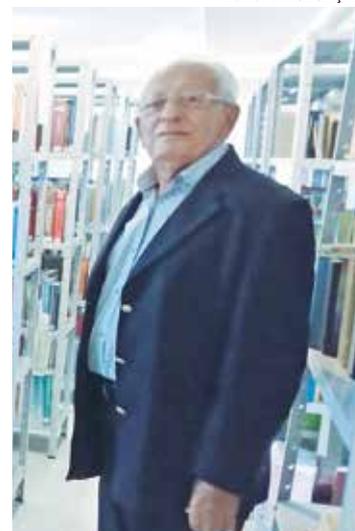
## OPINIÕES

Crítico literário, poeta e integrante da Academia Paraibana de Letras, Hilderbeto Barbosa Filho disse que o jurista José Fernandes, a quem chama de “hermeneuta do direito”, é um homem que ama os livros. “Não só ama os livros, também os escreve e também os edita e reedita, exercitando uma espécie de odisseia particular e quixotesca a trazer a figura espantosa do mecenas para o ambiente neutro e opaco do pragmatismo contemporâneo”, ressalta.

Hildeberto recorda que José Fernandes, homem simples, de origem humilde, germinado em terras barrentas e nos sítios abrejados do Tauá, “periodicamente convida a todos para uma festa em torno do livro, num gesto provavelmente estranho para aqueles que vivem dentro dos limites superficiais do mundo digital, com sua estúpida velocidade, banalidade e vazio”.

O poeta Sérgio de Castro Pinto, pertencente a Academia Paraibana de Letras, deu o seguinte depoimento: “O meu amigo José Fernandes é digno de muitas homenagens pelo tanto que tem feito pela cultura paraibana não só promovendo debates e ciclos de palestras no Centro de Estudos Jurídicos e Sociais que leva o seu nome, como também pela reedição de livros já esgotados de autores como Rodrigues de Carvalho, Coriolano de Medeiros, Alcides Bezerra, Olívio Montenegro e muitos outros. Na minha opinião, já deveria integrar a Academia Paraibana de Letras ou, pelo menos, ser reconhecido com uma láurea, com uma medalha ou com um diploma pelo

FOTO: DIVULGAÇÃO



*José Fernandes: odisseia particular e quixotesca a trazer a figura espantosa do mecenas para o ambiente neutro e opaco do pragmatismo contemporâneo*

muito que tem feito em prol de nossa cultura sem outra intenção a não ser a de dinamizá-la em proveito da intelectualidade paraibana e dos leitores que somos todos nós”.

O presidente da Academia Paraibana de Letras Jurídicas, Alberto Jorge Dantas Sales, escreveu o seguinte depoimento: “Devo juntar-me a muitos com aplausos exaltando recorrentes gestos do ativista cultural José Fernandes de Andrade, pelas diversas publicações que perpetuam memoráveis escritos em reedições de livros que aquecem a literatura. Os conclaves de apresentação acontecem em endereço idealizado pelo mesmo, CEJUS- Centro de Estudos Jurídicos e Sociais, de excelente estrutura física, palco de incontáveis eventos jurídicos literários inclusive com acolhimento a outras instituições, culminando no conceito sintetizado na sábia frase de sua genitora “ Quem estuda só anda para frente”.

**José Nunes da Costa** é jornalista, escritor e diácono. É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e autor, entre outras obras, de *Lira dos 40 anos* (1994, poesias), *Ariano Suassuna* (2002, biografia), *Ascendino Leite - vida e obra* (2005, estudo crítico, em parceria com Angélica Nunes) e *O cajueiro e os cronistas* (2017, crônicas). Mora em João Pessoa (PB).

# A contribuição

## DE JORNALISTAS ESCRITORES à literatura paraibana

**Josélio Carneiro**

Especial para o *Correio das Artes*

**A**o lidar, no dia a dia com, digamos, a arte da escrita, muitos jornalistas se tornam escritores. Isto ocorre em qualquer lugar do mundo. Na Paraíba, em breve pesquisa, encontramos cerca de 70 jornalistas, paraibanos ou radicados no estado, que publicaram um ou mais livros. E esse fato atravessa gerações há mais de 100, talvez 200 anos. No século 19, pesquisa organizada em 2009 por Socorro de Fátima Pacífico Barbosa, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cataloga cerca de 150 escritores jornalistas ou jornalistas escritores.

O gosto pela literatura e pela pesquisa tem revelado, nos últimos anos, jovens jornalistas escritores em nossa Paraíba, a saber: Rafaela Gambarra, Marcela Machado, Felipe Gesteira, Astier Basílio e Phelipe Caldas, para citar alguns nomes. As temáticas da literatura produzida por nossos jornalistas são diversas: música, poesia, memória, rádio, futebol, jornalismo, televisão, política, dentre outros temas.

Aqui lembramos aos leitores do **Correio das Artes** nomes de jornalistas escritores: Gonzaga Rodrigues, Luiz Augusto Crispim, Tião Lucena, Nonato Guedes, Juca Pontes, Helder Moura, José Octávio de Arruda Mello, Wellington Aguiar, Josélio Carneiro, José Nunes, Nonato Nunes, Gilson Souto Maior, Ricardo Anísio, Gilvan de Brito,

Hilton Gouveia, Ramalho Leite, Severino Ramos, Eduardo Martins (autor do livro sobre a história de *A União*), Rafaela Gambarra, Hildeberto Barbosa Filho, Virgínius da Gama e Melo, Willys Leal, José Leal, Sebastião Barbosa, Abelardo Jurema, Waldemar Duarte, Ascendino Leite, Benedito Maia, Walter Galvão, Fernando Melo, Sandra Moura, José Lins do Rego e José Nêumanne Pinto.

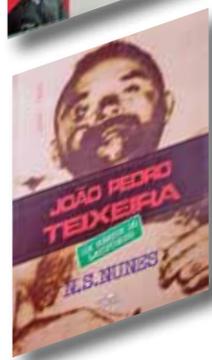
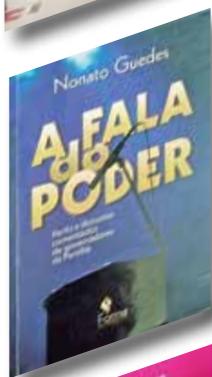
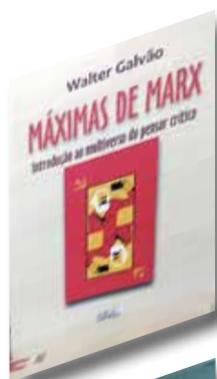
A Associação Paraibana de Imprensa (API), na atual gestão Marcos Wéric/Karla Alencar, com o lema “API Unida e Renovada”, reconhece a contribuição cultural que os jornalistas escritores prestam aos paraibanos, aos estudantes dos cursos de Comunicação e a qualquer público e, por isso, publicou em seu site algumas notícias citando jornalistas, autores de importantes livros.

Os jornalistas Walter Galvão, Carlos Aranha, Ricardo Anísio, Rafaela Gambarra, Rui Leitão e Gilvan de Brito, de gerações distintas, são autores de livros sobre música.

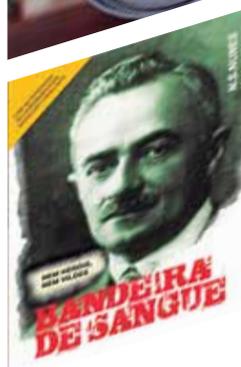
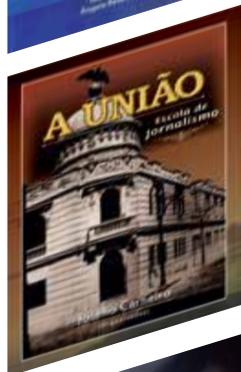
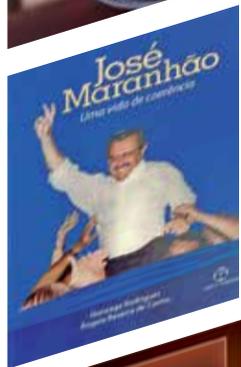
Pela editora Ideia, o jornalista e escritor Walter Galvão publicou o livro *O Som Diz Sim*, no qual faz uma análise da carreira do músico paraibano Herbert Vianna. Já no livro *Maio*, pela editora Universitária (UFPB), Walter Galvão fala sobre a efervescência cultural nos anos 1960. Galvão, um jornalista dos mais intelectuais da Paraíba, também é autor de outros livros. Natural de João Pessoa Galvão morreu em 7 de julho de 2021, aos 64 anos de idade.

O jornalista e escritor Carlos Aranha lançou, em 2014, o livro *Nós - An insight*. Carlos Aranha foi editor deste suplemento literário, **Correio das Artes**, e presidente da Associação Paraibana de Imprensa, quando coordenou, na Paraíba, o movimento das Diretas Já. É membro da Academia Paraibana de Letras, da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba e da Academia Paraibana de Cinema.

*Turismo Musical – o Rio de Janeiro*. Livro de Rafaela Gambarra inspi- ▶



Cerca de 70 jornalistas, paraibanos ou radicados no estado, publicaram um ou mais livros nos últimos anos



▶ rado na obra de Chico Buarque – impresso em Lisboa/Portugal, pela editora Chiado, em 2018. Nesse seu primeiro livro, Rafaela, nascida em João Pessoa, revela: “Esse, portanto, é um livro que une, basicamente, quatro das minhas paixões: Chico Buarque, o Rio de Janeiro, viagens e escrita”. E continua: “Em suas músicas, são narradas não só as belas praias da cidade, seus pontos turísticos e o Cristo Redentor, mas, também, é mostrado o Rio de uma forma visceral: sua gente, seus costumes, suas dores, suas rimas”.

A obra de Chico Buarque, um dos mais completos compositores do Brasil, também inspirou o jornalista Rui Leitão que, também em 2018, publicou *Um Olhar Interpretativo das Canções de Chico*. A editora é a Ideia. Nas 270 páginas, Rui Leitão faz uma leitura sobre dezenas de músicas de Chico, incluindo “A Banda”, “Acorda amor”, “Apesar de você”, “Atrás da porta”, “Cálice”, “Com açúcar, com afeto”, “Geni e o zepelim”, “Meu caro amigo”, “Mulheres de Atenas” e “Vai passar”.

No ano de 2015, pela editora A União, Rui Leitão havia publicado *Canções Que Falam Por Nós*. São crônicas sobre cerca de 200 criações da Música Popular Brasileira. Rui é sertanejo da cidade de Patos.

*MPB de A à Z* é um excelente livro de Ricardo Anísio, lançado pela editora Ideia em 2005. Crítico musical, o jornalista nos apresenta, em 296 páginas, crônicas, críticas e entrevistas. Dentre os artistas entrevistados estão Elza Soares, Caju e Castanha, Elba Ramalho, Fagner, Geraldo Vandré, Jair Rodrigues, Moraes Moreira, Tom Zé. No texto, o porquê deste livro, Ricardo Anísio declara: “Estou exposto. Ajudem-me com suas críticas de todas as tendências. Exponho-me para crescer, e para saber como se sentem aqueles artistas em cujas obras sentei a pua”.

Ricardo Anísio, natural de João Pessoa, também é poeta e escreveu os livros *Canção do Abismo*, *Canção do Caos*, *Em Cada Canto um Verso*, *Crônicas Musicais – Escritos sobre Astros da Música Mundial*, *Suas Obras*, *Simulacro*, *Florilégio*.

*Não me chamem VANDRÉ* é um dos livros do jornalista Gilvan de Brito, pela editora PATMOS – 2015. A apresentação da obra, com o títu-

lo “Quem Vem Lá”, é assinada pelo compositor, cantor e instrumentista Pedro Osmar. No livro, o leitor tem a oportunidade de conhecer muitos fatos sobre a trajetória de Geraldo Vandré, o ganhador de festivais, autor do “hino” “Caminhando (Pra não dizer que não falei de flores)”, canção que ajudou a derrubar a ditadura militar.

Gilvan de Brito, nascido em 1940 em João Pessoa, no ano de 2015 contabilizava 107 livros escritos e 22 publicados. Além de jornalista e escritor, é advogado, dramaturgo, poeta e letrista.

Jornalistas escritores também publicaram livros sobre Comunicação. Em 2011, o jornalista, escritor, historiador, integrante da Academia Paraibana de Letras (APL) e do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), José Octávio de Arruda Mello publicou o livro *História da História da Imprensa na Paraíba*.

No prefácio dessa obra, o também jornalista e escritor Ramalho Leite, atual presidente do IHGP e da Academia Paraibana de Letras (APL), escreve algo sugestivo, em especial ao nosso ver, às novas gerações: “Falta-se contar a história dos jornais e jornalistas perseguidos na Paraíba, seja no período do Estado Novo ou no tempo dos generais pós 64. A história da censura à Imprensa na Paraíba ‘resta por ser feita’, como diria Alcides Bezerra”. De fato, esse é um tema que a API, entidade que sofreu perseguições durante a ditadura militar, pode explorar, realizando debates e, quem sabe, produzindo um livro.

No *História da História da Imprensa na Paraíba*, José Octávio de Arruda Mello destaca que Alcides Bezerra, com a obra *A Imprensa na Parahyba*, é o primeiro historiador da imprensa paraibana. Outro autor citado é Eduardo Martins, que escreveu *A União Jornal e História da Paraíba - Sua Evolução Gráfica e Editorial* (1976).

José Octávio incursiona pela radiofonia e comenta as obras *Do Gramofone ao Satélite - Evolução do Rádio Paraibano: 1931-2000* (2005), de Moacir Barbosa, professor do curso de Comunicação da UEPB; *Tabajara - 65 anos - A Rádio da Paraíba* (2002), organizado por Josélio Carneiro; a revista *Rádio Tabajara - 50* ▶

▶ *anos*, organizada pelo próprio J. Octávio; dentre outras publicações.

No campo do impresso, um dos destaques é a jornalista Fátima Araújo, autora do “História da API” (1985). Antes, em 1983, a autora publicou “História e Ideologia da Imprensa na Paraíba”.

Um livro que reúne o maior número de depoimentos de jornalistas é *A UNIÃO Escola de Jornalismo* (2018), editora A União, organizado por Josélio Carneiro, que trabalhou por cinco anos no centenário jornal pertencente ao Governo da Paraíba. A obra, com 367 páginas, traz cerca de 120 relatos de profissionais sobre suas experiências no quarto jornal mais antigo em circulação na América Latina, fundado em 2 de fevereiro de 1893.

No prefácio, o então secretário de Comunicação Institucional do Governo da Paraíba, jornalista Luís Tôrres, escreve: “O jornal A União, com seus 125 anos de existência, é, por assim dizer, um Panthéon do jornalismo paraibano. E este livro é ao mesmo tempo a prova e o guia para a visita memorial desse patrimônio. Sendo seu idealizador e editor o jornalista Josélio Carneiro. Mergulhemos, portanto, nestas narrativas de amor e vício com o jornal A União”.

Ainda sobre José Octávio, em 2020 ele publicou *A Arapuan e o Rádio Paraibano - Uma Biografia Dual*, obra sobre a antiga Rádio Arapuan AM. O prefácio é de Gilson Souto Maior.

O jornalista, radialista, escritor e professor aposentado da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) é autor de *Rádio - História e Radion Jornalismo* (2015), editora A União; e *História da Televisão na Paraíba* (2017). Gilson Souto Maior está escrevendo mais um livro, desta vez sobre os jornais impressos paraibanos.

No ano de 2002, o jornalista e radialista Josélio Carneiro publicou *Tabajara - 65 anos - A Rádio da Paraíba*, pela editora A União. Em 2017, o autor lançou, no plenário da Assembleia Legislativa da Paraíba, *Rádio Tabajara - Patrimônio Cultural da Paraíba* (Gráfica JB). As duas obras são coletâneas de entrevistas e depoimentos.

O segundo livro marcou os 80 anos da emissora do Governo do Estado e, na ocasião, a ALPB apro-

vou projeto do deputado Hervázio Bezerra para que a antiga PRI-4, oficialmente através de lei, se tornasse patrimônio cultural dos paraibanos.

Agora em 2021, a jovem jornalista Marcela Machado disponibilizou, na versão digital, o livro *A Voz Feminina do Rádio - Vida e protagonismo de Radialistas em João Pessoa*. Sobre a obra, Marcela diz: “*A Voz Feminina do Rádio - Vida e Protagonismo de Radialistas em João Pessoa* é um livro de perfis de cinco mulheres radialistas que atuaram à

frente dos microfones da radiofonia pessoense a partir da década de 1950, pioneiras no lugar que ocuparam na história desse veículo no estado em suas respectivas épocas. No livro, costuramos fragmentos das histórias de Zélia Gonzaga, Irece Botelho, Ana Paula, Edilane Araújo e Josy Gomes com o rádio. Nos textos, buscamos descrever quem eram e são essas mulheres a partir do ponto de vista delas, de familiares, de colegas que conviveram com elas e de amigos, bem como suas trajetórias de vida”. ✦

## LIVROS SOBRE POLÍTICA

**Existe uma frase conhecida que diz: “A Paraíba respira política 24 horas”. De fato, nosso estado tem um alto grau de pessoas politizadas. Claro, à margem da política enquanto ciência, há os desvios de condutas na popular, mas desaprovada politicagem. Porém, nossa pauta aqui é citar livros de jornalistas sobre a política em sua essência. Elencamos alguns títulos:**

**Máximas de Marx** – Introdução ao multiverso do pensar crítico é uma excelente obra escrita pelo jornalista Walter Galvão (editora Ideia).

**A Fala do Poder** – Perfis e Discursos Comentados de Governadores da Paraíba (Forma editorial), excelente livro do jornalista Nonato Guedes, ex-presidente da API e integrante da atual gestão.

Em meados dos anos 1980 o jornalista Benedito Maia escreveu: **Governadores da Paraíba 1947-1986**.

Ainda sobre governadores paraibanos, há o livro **Paraíba Governos em Cena (editora A União)**, publicado pelo jornalista Josélio Carneiro.

**Palavra Acesa** – Memórias da Luta Camponesa, importante documentário organizado pelo jornalista Evaldo Costa, paraibano radicado em Pernambuco.

**Bandeira de Sangue** – Nem Heróis Nem Vilões, do jornalista Nonato Nunes (Gráfica e Editora Moderna). Do mesmo autor: **João Pedro Teixeira – Um Mártir do Latifúndio (editora Ideia)**.

**José Maranhão – Uma Vida de Coerência**, livro de Gonzaga Rodrigues e Ângela Bezerra de Castro (editora Paz e Terra).

**História do Direito e da Política**, de José Octávio de Arruda Mello, que também escreveu: **1964 no Mundo, Brasil e Nordeste**. Sócio ilustre da API, já publicou mais de uma dezena de livros.

**A Trajetória Interrompida de Félix Araújo**, livro de Josué Sylvestre. **Agripino – O Mago de Catolé (editora A União)**, um dos livros do jornalista Biu Ramos.

**João Pessoa – Uma Biografia (editora Ideia)**, de autoria do jornalista Fernando Melo.

**Josélio Carneiro** é jornalista, escritor, pesquisador e radialista. É autor de *Tabajara 65 Anos: A Rádio da Paraíba* (2002), *Paraíba: Governos em Cena* (2016) e *A União Escola de Jornalismo* (2018). Nasceu em Gurinhém (PB) e mora em João Pessoa (PB).

## Sangria desatada

A porta estava trancada  
o cofre aferrolhado  
a carta mantinha o lacre  
a boca muda fechada

Mas eis que chegada graça  
foi sangria desatada  
o que estava retesado  
jorrou veneno e cachaça

Virei cão chupando manga  
fiquei com a bexiga lixa  
só, solta na buraqueira  
sem algema, amarra ou canga

Tirei tampa de chaleiras  
soltei os cachorros, doida  
e disse coisa com coisa  
entre razão e asneiras

Rolha saiu de garrafas  
sem gênio vir em socorro  
desgrenhada e sem decoro  
sem pente, fita ou marrafa

Sem chapéu, sem véu, a boca  
berra; eu, só desespero  
para chegar aonde quero  
toda soltura é bem pouca

Soltos cabelos e língua  
pronta para qualquer viagem  
sem destino na passagem  
horizonte virou míngua

Não tem dizer que me leve  
ao lugar que não nomeio  
onde amo e onde odeio  
onde todo tempo é breve

Mundo é pequeno demais  
para tanta liberdade.  
Pr' onde quer ir a vontade  
que falta palavra faz

## Sete saias\*

Eu nasci com sete saias  
tal qual nascemos  
nós todas  
todas nós  
as ensaiadas  
todas nós  
as encetadas  
nas regras que sujam saias

Eu nasci com sete saias  
me foram tiradas todas  
violadas, arrancadas

foi o vento violento  
foi a vida  
foram os cães

A saia do embaixador  
era de renda importada  
numa teia enredada  
esgarçou de prima volta

outra levou-me o carteiro  
a bordo de um transatlântico  
sobre ondas engomadas

Enviesada nas pregas  
da saia de musselina  
eis a menina que eu era

sem transparências  
andei léguas  
sobrou-me a saia balão  
asa delta, aeronave  
para um voo sem retorno

Eu nasci com sete saias  
E muito fogo no rabo  
A cada saia rodada  
Ligavam clitóris e tálamo  
Lobotômica excisão

Hoje saída da raia  
Órfã de todas as vestes  
Naufrago nua no porto  
A inventar  
Voltas e saias

\* diálogo com o poema homônimo de Conceição Rodrigues  
publicado no Livro *Molhada até os Ossos*.





## Cerzir

Saber cerzir só mãe e vó  
era rico dom de outrora  
hoje fazemos remendos só  
o pano rompe, jogamos fora

saber cerzir é urdir tessituras  
é paciência, recompor tecido  
é por mais fio onde houve usura  
é insistir no velho vestido

cerziam mãe e vó, passou-se o tempo  
de fustões, madapolões, alpacas.  
Tecidos hoje já não mais se esgarçam  
desbotam antes de outra moda ou invento.

## Olinda \*

Estive em outras parises  
outras paragens  
sazonando  
vi neves e chuvas  
sempre em busca de tempos estivais,  
esperei o tempo das cerejas  
em cujas polpas rubras  
chupava a lembrança  
de cajus  
cajás

Lavei-me no Sena  
sob cada ponte  
e em cada vão  
te rebuscava  
Olinda  
vinda às vísceras  
cada vez mais fonte

*\* musicado por Marcelo Melo do Quinteto Violado*



**Sônia Marques** é arquiteta por formação é poeta. Especializou-se em Urbanismo e fez mestrado e doutorado em Sociologia. Ao longo de sua trajetória profissional, dedicada ao ensino e à pesquisa, trabalhou em diversas universidades brasileiras, entre elas a UFPE, UFBA, UFRN e UFPB. É autora do poema Sangria Desatada, que deu a ela o Prêmio Edmir Rodrigues, da Associação Pernambucana de Letras, e dos livros Fuga, Viagens e Onde Todo Tempo é Breve. Nasceu no Recife (PE), onde vive e trabalha.

# *Pero de Magalhães de Gândavo* revisitado

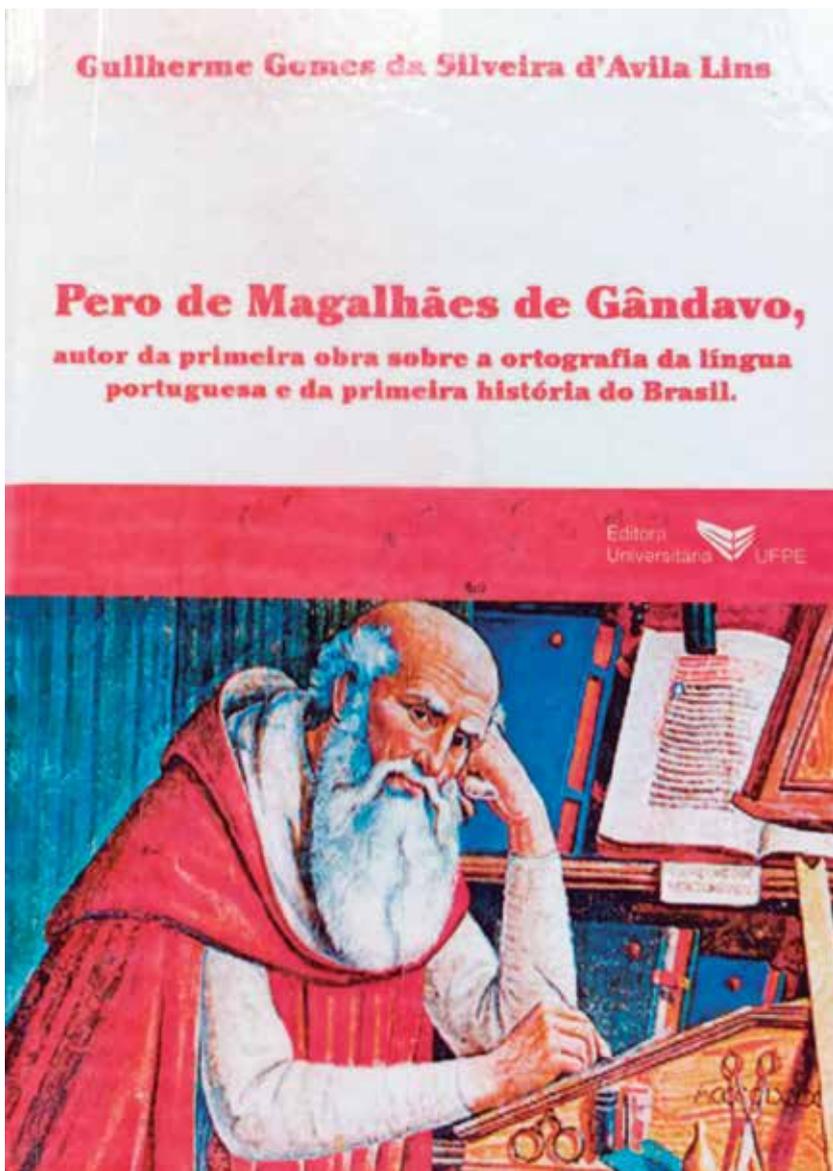


**O** livro de Guilherme Gomes da Silveira d'Avila Lins, *Pero de Magalhães de Gândavo, autor da primeira obra sobre a ortografia da língua portuguesa e da primeira história do Brasil* (Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009), é desses que são imprescindíveis como bibliografia de nossa história, não apenas pelo rigor metodológico que o seu autor adota, mas sobretudo pela importância intrínseca do tema.

Guilherme d'Avila Lins trata, nada mais, nada menos, de nosso primeiro historiador, Pero de Magalhães de Gândavo, procurando restaurar a verdade histórica a respeito de um autor, de cuja vida pouco se sabe, e da produção de seus livros, vindos a lume numa época de muitas dificuldades de editoração, dentre elas a tríplice censura que se impunha a qualquer livro que devesse ser editado em Portugal. Escusado é falar da proibição *tout court* da publicação de livros na colônia, no caso o Brasil.

Guilherme d'Avila Lins vai em busca de estabelecer que Gândavo viveu no Brasil, onde foi teste- ▶

FOTOS: REPRODUÇÃO



*Obra procura restaurar a verdade histórica a respeito de um autor, de cuja vida pouco se sabe, e da produção de seus livros, vindos a lume numa época de muitas dificuldades de editoração*

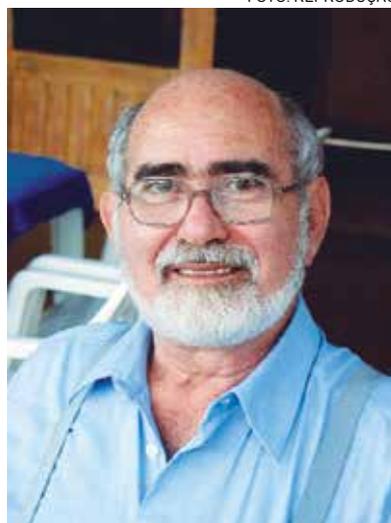
munha dos fatos que o levaram a escrever o seu livro em Portugal. Guilherme atravessa um caminho espinhoso por ter tido de discordar de nomes importantes da nossa historiografia, como Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, nomes suficientemente grandes para que muitos se deixem levar pela alegada “razão da autoridade”.

A sustentação para seus argumentos tem uma base não apenas dos documentos que compulsou, dentre eles os manuscritos, dentre os quais o do *Tratado da terra do Brasil, no qual se contém a informação das coisas que há nestas partes, feito por Pero de Magalhães* ou conforme se lê no *fac-símile* apresentado como anexo III, em seu livro, *Tractado da Terra do Brasil no qual se cõ-Item a informação das cousas que há nestas partes feito por Pº de magalhaës*.

Guilherme d’Avila Lins vai além do meramente documental, por saber que a História deve se valer de outros saberes, como a Paleografia, a Linguística e a fenomenal ciência da Filologia, imprescindível e incontornável, quando o assunto é a transmissão de textos. Sem ela, não é possível a fixação do texto, bem como pode se pôr em risco todo um trabalho, ao se levantar dúvida sobre a fidelidade do texto que o estudioso, seja ele de qual área for, tem em mãos para a consecução de seus propósitos.

Sem o estabelecimento do texto, que nos concede um texto crítico, principalmente num país que não tem uma tradição de filológica sólida e não terá, tendo em vista que na maioria das Faculdades de Letras, a Filologia foi retirada do curriculum obrigatório; sem o estabelecimento do texto, o estudioso pode partir de uma premissa falsa, o que poderá invalidar as suas conclusões. Assim, o estudioso deverá ir em busca do texto mais confiável, aquele, que pelo tratamento filológico recebido, a partir do cotejo dos vários manuscritos e com a classificação das variantes, que devem constar como aparato crítico, esteja mais perto do que se considera o *ánimus auctōris*.

Veja-se, por exemplo, o que acontece com o texto do *Tratado da*



**Guilherme (foto) atravessa um caminho espinhoso por ter tido de discordar de nomes importantes da nossa historiografia, como Capistrano de Abreu, Rodolfo Garcia e Pedro Calmon, nomes suficientemente grandes para que muitos se deixem levar pela alegada “razão da autoridade”**

*terra do Brasil*, que tenho em mãos, em comparação com o *fac-símile* publicado por Guilherme d’Avila Lins. Seguindo o *fac-símile* apresentado, vemos que o *Tratado da terra do Brasil* é formado por oferecimento ao príncipe D. Henrique, cardeal infante de Portugal, acompanhada de um **Prólogo ao Leitor**, sendo a obra dividida claramente em duas partes – **Declaração da Costa e Tratado segundo das cousas que**

**são gerais por toda costa do Brasil** –, ambos subdivididos em nove capítulos. A edição de que me vali por muito tempo, nas minhas aulas de Literatura no Período Colonial, publicada em conjunto pela Itatiaia de Belo Horizonte e pela EDUSP, em 1980, apresenta a mesma disposição, com os mesmos capítulos. Fazendo um cotejo rápido com o manuscrito, pude constatar que, ao final, o texto editado diverge ligeiramente do manuscrito, quando diz “assi para serviço a aumento de S. A.”. No manuscrito pode-se ler claramente “assi pera serviço e augmêto de S. A.”.

Historiador, linguista, filólogo, na vertente da ecdótica, Guilherme d’Avila Lins nos brinda com um livro magnífico aos olhos de qualquer estudioso do texto editado, livro essencial sobre as nossas origens, que permitiu aos autores posteriores, como Gabriel Soares de Souza, a buscar nele informações, chegando este autor, em seu *Tratado descritivo do Brasil* (Capítulo CL, “Em que se declara o modo e a linguagem dos Tupinambás”), a apropriar-se de uma passagem em que Gândavo fala de modo espiritual sobre a língua dos índios e a ausência de três letras F, L e R (Capítulo Sétimo do *Tratado da terra do Brasil*, “Da condição e costumes dos índios da terra”; Capítulo X da *História da província de Santa Cruz*, “Do gentio que há nesta província, da condição e dos costumes dele, e de como se governam na paz”).

A rarefeita biografia, até então divulgada, de Gândavo, de quem não se sabe sequer as datas de nascimento e de morte, leva Guilherme d’Avila Lins a abordá-la em três pontos: a estadia no Brasil e a escritura de suas obras, em Portugal, e a homonímia ligando o Moço da Câmara d’El-Rei Pero de Magalhães e o historiador e gramático, humanista e latinista Pero de Magalhães de Gândavo. Os dois primeiros pontos são resolvidos apenas com a leitura das obras. No oferecimento à rainha D. Catarina, que pertence ao *Tratado da província do Brasil*, há provas de sua permanência no Brasil, do mesmo modo que a dedicatória, em busca de um patrocínio, a D. Leonis, na *História* ▶

► *da província de Santa Cruz*, confirma este fato.

De modo a não ficar apenas no dizer de Gândavo, a respeito de sua visão do Brasil *in loco*, Guilherme recolhe vários excertos, no *Tratado da província* e na *História da província* que apontam, com farta documentação, para a sua permanência por uns tempos no Brasil e para o fato de que ele escreveu suas obras históricas, após a estada no Brasil.

Quanto ao terceiro ponto, embora não existam provas documentais de que o Pero de Magalhães, o Moço da Câmara d'El-Rei, nomeado por D. Sebastião para o cargo de Provedor da Fazenda Real na Cidade do Salvador, em 1576, e o eminente historiador Pero de Magalhães de Gândavo sejam a mesma pessoa, Guilherme admite a plausibilidade de que não seja apenas uma homonímia. Trata-se de ponto tão obscuro que não há sequer documento provando a vinda do nomeado ao Brasil, o que significa que mesmo que os dois nomes se refiram a uma única pessoa, no caso o historiador, não é certo que ele tenha retornado ao Brasil.

No seu livro, Guilherme também se ocupa em precisar a prosódia correta do nome de seu autor, uma das suas preocupações de estudioso exigente. Durante muito tempo o nosso primeiro historiador foi chamado de Gandavo, em pronúncia grave ou paroxítone, em lugar da pronúncia esdrúxula ou proparoxítone, Gândavo, que realmente lhe cabe. Guilherme o faz com uma argumentação linguístico-fonético-etimológica a lhe servir de apoio, pois a prosódia esdrúxula ou proparoxítone está de acordo com a lei da permanência da sílaba tônica, na passagem dos vocábulos da língua latina para a língua portuguesa. A forma latinada medieval *Gandāvum*, que aparece no século VII, como afirma José Pedro da Cunha, no seu *Dicionário onomástico etimológico da Língua Portuguesa* (Lisboa: Editorial Confluência, 1984, 3 tomos), é topônimo de uma cidade de língua flamenga, apontando para a ascendência belga de Gândavo, por parte de seu pai. O topônimo, ao se tornar antropônimo, manteve a prosódia proparoxítone, tendo em vista que, se em latim a penúltima sílaba é breve, a tonicidade recua para a antepenúltima sílaba. Assim, não há mais motivo para se continuar a pronunciar Gandavo e não Gândavo.

O que há de mais importante, a nosso ver é a constatação de que os textos do *Tratado da Província do Brasil* e *Tratado da Terra do Brasil* são hipotextos ou textos preliminares, depois refundidos na *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, um claro e indiscutível hipertexto ou texto posterior, que

mantém uma relação palimpsestosa com os dois anteriores, mas que se constitui um novo texto, apesar das marcas visíveis da reescritura ocorrida.

As notas e referências bibliográficas são um capítulo à parte. Não se trata de notas para discutir o nada ou notas redundantes. Estas preparadas por Guilherme d'Avila Lins enriquecem o seu trabalho com o detalhamento das primeiras edições (*editio princeps*), com sua história, a condição em que se encontra o volume, sua localização, o comentário das licenças provenientes das Mesas Censórias, sendo, portanto, de grande relevância no auxílio e esclarecimento a outros pesquisadores. Há ainda aquelas, como as notas de 107 a 109, que tratam do uso frequente do latim nas cartas em português, seja da parte de clérigos ou de leigos, mostrando que pelos séculos XVI e XVII, o latim, apesar de uma língua que deixou gradativamente de se falar, era usada com frequência entre os intelectuais, na sua forma escrita. Diga-se de passagem que um dos motivos apresentados por Gândavo na sua obra de ortografia da língua portuguesa, é demonstrar a importância do latim, no aprendizado e domínio do português, afirmando, com uma atualidade que dói, ser a causa do esquecimento do latim e no abandono da grafia etimológica muitos dos erros cometidos no escrever a língua portuguesa.

No que diz respeito à bibliografia, é inestimável a contribuição de Guilherme com os comentários sobre as edições e sobre os apógrafos e manuscritos tardios.

A lamentar apenas o fato de que seu livro não tenha merecido uma esmerada edição como o tema e o seu rigor metodológico merecem e exigem. Mas, decididamente, a ecdótica e a editoração, esta um processo muito mais simples, não constituíram ainda um hábito entre nós. Com esta obra e outras de investigação histórica, Guilherme Gomes da Silveira d'Avila Lins se põe a salvo da recriminação que Gândavo faz aos seus patrícios, no **Prólogo ao Leitor** da *História da província de Santa Cruz*, de fazer pouco caso da província, associado a uma pouca afeição à escrita, motivo por que “se perderão tantas antiguidades entre nós”, e “tam profundo esquecimento de muitas cousas”: a sua obra é para a preservação da memória, o que se faz pela escrita, sobretudo, pois que “a escritura seja a vida de memória, e a memória huma semelhança da imortalidade a que todos devemos aspirar”. ✦

# Memória musical

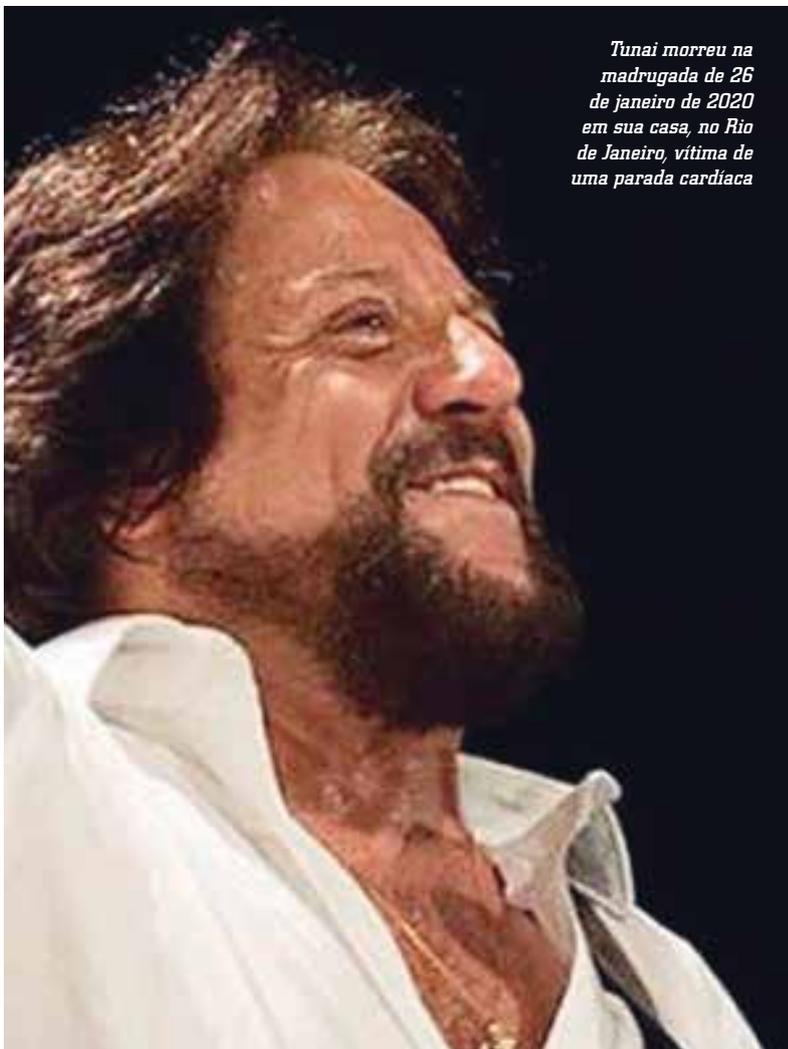
**Rodrigo Falcão**

Especial para o *Correio das Artes*

**A**s composições de Tunai fizeram sucesso na voz de Elis Regina. Entre elas, “As aparências enganam”, do disco *Essa Mulher* (1979); “Lembre-se”, gravado no show de lançamento do disco; e “Agora tá”, de *Saudade do Brasil* (1980). “Ser gravado por ela abriu completamente as portas para mim. Foi uma coisa tão boa que eu nunca deixei de homenagear a Elis que deixou um legado incrível. Morreu cedo, mas viveu mais de 100 anos”, disse Tunai, certa vez.

Todas as vezes que o vi tocar, seu olho brilhava ao falar de Elis. Faz tempo que queria analisar “As aparências enganam” para homenagear Tunai, e esse dia chegou.

FOTO: REPRODUÇÃO



*Tunai morreu na madrugada de 26 de janeiro de 2020 em sua casa, no Rio de Janeiro, vítima de uma parada cardíaca*

Foram três shows dele que assisti. Uma vez solo, outra vez com Paulinho Pedra Azul e, pela última vez, com Dalto e Hyldon.

Lembro que, ao entrar no camarim com Vandix Araújo, no show com Hyldon e Dalto, ele me cumprimentou como se fôssemos velhos amigos, já que se recordava das outras vezes que nos encontramos. Sua simplicidade foi uma marca registrada que sempre irei recordar. Saravá, José Antônio de Freitas Mucci! #Tunai71

## As aparências enganam

Tunai / Sérgio natureza

As aparências enganam  
Aos que odeiam e aos que amam  
Porque o amor e o ódio  
Se irmanam na fogueira das paixões  
Os corações pegam fogo e depois  
Não há nada que os apague  
Se a combustão os persegue  
As labaredas e as brasas são  
O alimento, o veneno, o pão  
O vinho seco, a recordação  
Dos tempos idos de comunhão  
Sonhos vividos de conviver

As aparências enganam  
Aos que odeiam e aos que amam  
Porque o amor e o ódio  
Se irmanam na geleira das paixões  
Os corações viram gelo e depois  
Não há nada que os degele  
Se a neve cobrindo a pele  
Vai esfriando por dentro o ser  
Não há mais forma de se aquecer  
Não há mais tempo de se esquentar  
Não há mais nada pra se fazer  
Se não chorar sob o cobertor

As aparências enganam  
Aos gelam e aos que inflamam  
Porque o fogo e o gelo  
Se irmanam no outono das paixões  
Os corações cortam lenha e depois  
Se preparam para outro inverno  
Mas o verão que os unira  
Ainda vive e transpira ali  
Nos corpos juntos na lareira  
Na reticente primavera  
No insistente perfume  
De alguma coisa chamada amor  
Amor



*Através do QR Code acima, ouça a interpretação de Elis Regina para 'As aparências enganam'.*

## › COMPREENSÃO

1 - O eu lírico retrata a expressão “aparências” a algo que se usa como disfarce; engano, ilusão. Ao mesmo tempo cita a dualidade, dando sentido de antítese nos versos “odeiam/amam” e “amor/ódio” como forma de emparelhamento na ardência do sentimento forte, nutrido e simbolizado por âmagos que incendeiam sem nada conseguir extinguir.

Depois, o eu lírico cita a condição de queimar como perseguição sendo “labaredas” e “brasas” como desejos ardentes, o paradoxo aparece nos versos 9. Exemplo: “O alimento, o veneno, o pão”.

Na sequência, nos versos 10 a 12, a bebida e a lembrança servem como referência aos remotos sentimentos compartilhados em quimeras vivenciadas como proximidade. Exemplo: “O vinho seco, a recordação / Nos tempos idos de comunhão / Sonhos vividos de conviver”.

2 – Depois, o eu lírico retrata mais uma vez a expressão “aparências” a algo que se usa como disfarce; engano, ilusão. Ao mesmo tempo, cita a dualidade, dando sentido de antítese nos versos “odeiam/amam” e “amor/ódio”, como forma de emparelhamento na falta de afeto ou emoção na intensidade do sentimento. Na sequência, os âmagos são metaforizados como “gelo” que coisa alguma consegue derreter.

Na condição de metáfora, a “neve” estende toda epiderme na maneira de traduzir todo desamor habitado como frieza na essência do ser humano. Nos versos 21 a 24, o eu lírico faz uma sequência anafórica admitindo que tudo se perdeu, restando apenas viver em prantos sob as cobertas. Exemplo: “Não há mais forma de se aquecer / Não há mais forma de se esquentar / Não há mais nada a se fazer / Se não chorar sob o cobertor”. As palavras-chave que se inter cruzam são “forma”, “tempo” e “nada”, dando ênfase ao fim da paixão.

3 – O eu lírico retrata a expres-



FOTO: REPRODUÇÃO

*Além de 'As aparências enganam', Elis Regina gravou outras canções de Tunai, entre elas 'Lembre-se' e 'Agora tá'*

são “aparências” a algo que se usa como disfarce; engano, ilusão. Ao mesmo tempo cita a dualidade, dando sentido de antítese nos versos “gelam/inflamam” e “fogo/gelo” como forma de emparelhamento na estação do outono marcada pelo sentimento intenso. Depois, os âmagos são metaforizados como forma de se adequar ao inverno, embora o verão seja reverenciado como uma unidade que exala o amor junto a uma lareira.

Exemplo: “Os corações cortam lenha e depois / Se preparam para outro inverno / Mas o verão que os unira / Ainda vive e transpira ali nos corpos juntos na lareira”. Na sequência, a primavera é retratada como uma estação “reticente” (quieta, reservada), reafirmando a obstinação da fragrância feita pelo amor. É importante observar que o eu lírico cita todas as estações do ano em um contexto amoroso cheio de dualidade, ou seja, o amor sobrevive às vicissitudes e as estações do ano simbolizam tudo isso. ✦

**Rodrigo Falcão** é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro 'Eu Lírico' (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB)



# Mestres da gradação

O conceito de gradação vem da estilística. Consiste numa figura de linguagem onde se obtém, no texto literário, ou em parte dele, um significado geral cumulativo, ascendente ou descendente, a partir do emprego encadeado de palavras ou expressões, ou mesmo frases.

Num período como “ele pediu, rogou, implorou...” os verbos apresentam um gradual aumento de ação, do mínimo ao máximo. No soneto “As pombas”, de Raimundo Correia, o aumento é numérico: “Vai-se a primeira pomba despertada / Vai-se outra mais.. mais outra.. enfim dezenas / De pombas vão-se dos pombais...”. Gregório de Matos nos dá um exemplo mais sutil em “Oh, não aguardes que a madura idade te converta essa flor, essa beleza, em terra, em cinzas, em pó, em sombra”

Estes são exemplos em poemas, e precisaríamos de espaço maior para dar exemplos em romances. Pois, assim como o romance, uma arte narrativa longa, como o cinema, também faz uso relativamente frequente da gradação.

O uso cinematográfico da gradação ocorre geralmente dentro de uma mesma tomada, cena,

ou sequência. Em alguns casos, mais raros, se estende ao filme inteiro. Aqui gostaríamos de apresentar três exemplos bem particulares de gradação extensiva ao filme inteiro, no caso, em obras de gêneros bem diferentes: terror, western e melodrama.

Em *Os Pássaros* (*The Birds*, 1963, Alfred Hitchcock), tudo começa com uma picada de gaivota no rosto da protagonista Melanie, no ancoradouro de Bodega Bay. Em *Matar ou Morrer* (*High Noon*, 1952, Fred Zinnemann), o primeiro sintoma do que vai acontecer está na imagem de uma senhora desconhecida que se benze ao ver os três cavaleiros que chegam à pequena cidade de Hadleyville. Em *Desencanto* (*Brief Encounter*, 1945, David Lean), o início de tudo é um cisco que o Dr Alec retira do olho da passageira Laura, na cantina da Estação Rodoviária de Milford.

Cada um desses diminutos incidentes, em cada um desses filmes, vai conduzir a uma série de outros incidentes, cada vez maiores e mais graves, dentro de uma ordem progressiva que poderia se dizer avassaladora. Se esses incidentes seguintes não serão necessariamente maiores do ponto de vista físico, o serão do ponto de vista dramático, emocional.

De uma picada de gaivota a um mundo tomado por pássaros; de um benzer-se de uma desconhecida à violência incontrolável; de um cisco no olho a uma tentativa de sui- ▶

FOTO: DIVULGAÇÃO



*'Os Pássaros': picada de gaivota leva a uma série de incidentes, maiores e mais graves*



*Matar ou Morrer (esq.) e Desencanto (dir.): casos raros em que a gradação se estende ao longo de todo o filme*

▶ cídio... Nos três casos, o crescimento do drama (físico e/ou psicológico) é ininterrupto e geométrico, até atingir um clímax insustentável... Embora o tempo a decorrer não seja o mesmo em cada filme (cerca de três dias em *Os Pássaros*, uma hora e meia em *Matar ou Morrer*, nove semanas em *Desencanto*) o sentido de gradação narrativa é idêntico.

Vejam como, no filme de Hitchcock, até meia hora de projeção decorrida não há sinal de ataque, e a única imagem de pássaros é um inofensivo casal de periquitos que Melanie vai levar de presente para a garota, filha do advogado Mitch, em Bodega Bay. É no retorno de barco que se dá o primeiro ataque: antes de acostar, a moça é ferida por uma gaiivota que lhe bica a testa, e faz sangrar.

A segunda visão de que há algo errado com os pássaros nos vem mais tarde, na casa da professora onde Melanie se hospeda. Antes de se recolherem, as duas moças ouvem um barulho na porta: era uma gaiivota morta – coisa, por enquanto, inexplicável. Próximo caso será o ataque na festa infantil. Em seguida, o vizinho morto, sem que se tenha visto o ataque dos pássaros. Depois disso, os ataques serão cada vez mais visuais, mais coletivos e mais violentos.

Do mesmo modo pode se acompanhar os incidentes no filme de Zinnemann – incidentes que vão deixar o Xerife Will Kane a mercê de si mesmo. Para enfrentar os quatro bandidos armados que vieram com o intuito vingativo de exterminá-lo, o Xerife precisa de ajuda, e o

que gradativamente vai recebendo da população local é uma série de respostas negativas.

O primeiro vem da esposa; o segundo do sub-Xerife, o terceiro do amigo Sam, o quarto dos frequentadores do saloon, o quinto, do pessoal da igreja etc... Até um ponto em que não resta nada a fazer, salvo escrever seu testamento.

No filme de David Lean, a gradação dos incidentes chega a ser marcada por dias da semana. É nas quintas-feiras que a Sra Laura deixa o seu tranquilo lar, na pacata Ketchworth, e toma um trem para a vizinha Milford. É lá, na cantina da estação, que conhece esse médico que lhe retira um cisco do olho, e com esse cisco, lhe retira a paz.

Depois do incidente do cisco no olho, o primeiro encontro dos dois – ambos casados, lembrar! – é casual, e se dá na semana seguinte, numa calçada qualquer da cidade; também casual, próxima semana, o segundo encontro será num restaurante; em seguida a isso, no filme visto juntos; depois do que, de semana em semana, nada mais será casual, e a paixão que se instaura e da qual vão tomando consciência (eles e nós) vai tornar esses encontros dolorosos.

Terror em Hitchcock, abandono em Zinnemann, paixão em David Lean – tudo acontece com a mesma terrível lógica gradativa que vai prender o espectador do início ao desenlace.

Obviamente, essa tarefa de graduar a narrativa foi uma combinação de roteiro e direção. Com certeza, os roteiristas Evan Hun-

ter, Carl Foreman e Noel Coward tiveram, respectivamente, papéis decisivos na construção desses três filmes e no sentido de gradação que possuem. Hunter adaptou um conto de Daphne du Maurier sobre o ataques de pássaros a uma fazenda inglesa. Foreman criou o seu roteiro a partir uma história de gibi com um título sintomático, “The tin star” (“a estrela de lata”). Já Coward fez um percurso menor e mais pessoal, roteirizando uma peça de sua autoria que trazia o título ambíguo de “Still life” (ou seja, ‘Vida parada’ ou ‘Ainda vida’)

Quem fez mais, se os roteiristas ou os cineastas, para o espectador não importa. Importa o resultado obtido, que o mantém preso à poltrona do cinema, angustiado de ver o mundo físico e/ou psicológico dos personagens desmoronar a sua frente. É esse resultado que concede a cada um destes filmes a qualidade de infinitamente revisitáveis. ♥

**João Batista de Brito** é professor, escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).